



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GIOVANNA MAYARA DE SOUZA LIMA

“MINHA VIDA COMO UMA ESCRITORA CHINESA”: Ding Ling e
suas obras em favor da emancipação das mulheres na China
(1904-1986)

RECIFE
2022

GIOVANNA MAYARA DE SOUZA LIMA

“MINHA VIDA COMO UMA ESCRITORA CHINESA”: Ding Ling e suas obras em favor da emancipação das mulheres na China (1904-1986)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Christine Paulette
Yves Rufino Dabat

RECIFE
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Giovanna Mayara de Souza.

"Minha vida como escritora chinesa": Ding Ling e suas obras em favor da emancipação das mulheres na China (1904 - 1986) / Giovanna Mayara de Souza Lima. - Recife, 2022.

82p : il.

Orientador(a): Christine Paulette Yves Rufino Dabat

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, História - Licenciatura, 2022.

1. Ásia. 2. China. 3. Revolução Comunista da China. 4. História das Mulheres.
5. Ding Ling. I. Dabat, Christine Paulette Yves Rufino. (Orientação). II. Título.

950 CDD (22.ed.)

GIOVANNA MAYARA DE SOUZA LIMA

“MINHA VIDA COMO UMA ESCRITORA CHINESA”: Ding Ling e suas obras em favor da emancipação das mulheres na China (1904-1986)

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciada em História.

Aprovado em: 01/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Christine Paulette Yves Rufino Dabat (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Mariana Yante Bârreto Pereira (Examinador Externo)
Universidade de Wuhan

Prof. Me. Bruno Ponte Motta (Examinador Externo)
Universidade de Lisboa

Monografia dedicada aos meus queridos avôs, Severo e Ozélia, que apesar dos seus enormes esforços e constante apoio não puderam ver em vida a primeira neta formada no Ensino Superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que me ajudaram em minha jornada acadêmica, sobretudo, aos meus familiares pelo apoio emocional e financeiro, ao meu namorado Paolo por me incentivar quando estava prestes a desanimar, à minha orientadora Christine Dabat pelos seus ensinamentos de vida e sobre o ofício do historiador, mas principalmente por acreditar em mim e me introduzir na área da História da China. Ao meu psicólogo Manoel Souza por me fazer enxergar a importância da saúde mental e me abrir caminhos para ser uma pessoa melhor. Também à minha querida Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde pude passar bons anos no Departamento de História ao lado do seu excelente corpo docente e seus funcionários da administração, principalmente o secretário Levi. Agradeço a todos que integram a Coordenadoria de Estudos da Ásia (CEÁSIA) da UFPE pelas oportunidades incríveis de obtenção de conhecimentos. As professoras Thais Craveiro e Mariana Yanté, por me inspiraram no estudo das mulheres e da China. Por fim, aos amigos que fiz durante a minha graduação: Will, Ariane, Denise, Thais, Kerol e Daniel. Para todos, de coração, dedico a minha eterna gratidão!

“Isso não tem nada a ver com nossas teorias, doutrinas ou os discursos que fazemos nas reuniões. Todos sabemos o que é isso de fato, o fato está diante dos nossos olhos, mas nunca é mencionado.”

Ding Ling

RESUMO

Ding Ling (1904-1986), nascida Jiang Bingzhi em Hunan, foi uma das mais importantes autoras da China. Ela escreveu cerca de 300 trabalhos entre contos, histórias, artigos e romances que abrangeram desde o fim do passado imperial chinês de submissão - para logo depois libertação - feminina até a Revolução Comunista da China, onde descreveu a Reforma Agrária e deixou clara sua relação com a organização revolucionária da qual fazia parte. Mesmo sendo de uma família rica de tradição confucionista, Ding Ling teve uma educação formal, incomum para uma mulher na época. Ela participou aos treze anos do Movimento de Quatro de Maio (1919) influenciada pela mãe, a quem admirava com fervor. Suas obras se dividem em duas fases distintas: antes e após a sua entrada no Partido Comunista da China (1930). Na primeira fase, Ding Ling escrevia sobre a liberdade recém conquistada pelas mulheres e suas dúvidas sobre a sua erotização, já na segunda, reforçou as lutas populares a fim de influenciar a conquista da libertação nacional e a independência do país, continuando engajada na Literatura Revolucionária posteriormente à fundação da República Popular da China (1949). Diante disso, essa monografia tem como objetivo analisar os principais marcos de sua vida e obra a fim de compreender sua participação nas lutas dos mais pobres, e principalmente, na melhoria da condição das mulheres.

Palavras-Chaves: Ding Ling; emancipação feminina; feminismo; história das mulheres; Revolução Comunista da China.

ABSTRACT

Ding Ling (1904-1986), born Jiang Bingzhi in Hunan, was one of China's most important authors. She wrote about 300 works including short stories, stories, articles and novels that ranged from the end of the Chinese imperial past of female submission - soon after liberation - to the Communist Revolution of China, where she described the Agrarian Reform and made clear her relationship with the revolutionary organization she was a part of. Even though she came from a wealthy family with a Confucian tradition, Ding Ling had a formal education, unusual for a woman at the time. She participated at the age of thirteen in the Fourth of May Movement (1919) influenced by her mother, whom she admired fervently. Her works are divided into two distinct phases: before and after her entry into the Communist Party of China (1930). In the first phase, Ding Ling wrote about the newly won freedom for women and their doubts about their eroticization, in the second, she reinforced popular struggles in order to influence the achievement of national liberation and the country's independence, continuing to be engaged in Revolutionary Literature after the founding of the People's Republic of China (1949). Therefore, this monograph aims to analyze the milestones of her life and work in order to understand her participation in the popular struggles, and mainly, in improving the condition of women.

Keywords: Ding Ling; female emancipation; feminism; history of women; China's Communist Revolution.

LISTA DE ABREVIÇÕES E SIGLAS

PCCh Partido Comunista da China

GMD Guomindang

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ding Ling e seu primeiro marido Hu Yepin	48
Figura 2 – Ding Ling em Yan'an	50
Figura 3 – Ding Ling após a sua reabilitação discursando para professores.....	72

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Mapa da Região de Fronteira Shaanxi-Gansu-Ningxia sob administração comunistas com destaque a região de Yan'an, capital administrativa e política até 1949.	51
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A CHINA MODERNA SE FAZ COM MULHERES LIVRES	16
2.1 Condição das mulheres: contexto social e histórico	16
2.2 O desejo pela emancipação feminina através da educação formal	27
2.3 Os principais partidos e suas tentativas de engajar e recrutar as mulheres	32
3 A 'NOVA MULHER' CHINESA	42
3.1 Ding Ling: infância e os seus primeiros anos de arte e participação revolucionária	42
3.2 Ding Ling: logo após a entrada no Partido Comunista da China (1930)	46
4 “ESTAMOS NUM MUNDO NOVO COM CAMINHOS NOVOS”	51
4.1 As mulheres de Yan'an e as suas reivindicações	52
4.2 Da expulsão (1958) à reabilitação (1979) de Ding Ling	64
5 CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	79

1 INTRODUÇÃO

Ding Ling (na romanização *Wades-Giles* Ting Ling¹), pseudônimo de Jiang Bingshi, nascida na província chinesa Hunan, foi uma das mais importantes escritoras chinesas do século XX. Por isso essa monografia tem como objetivo expor sua história de vida e suas obras feministas, anarquistas, e posteriormente, comunistas, para a partir destes trabalhos analisar a História das Mulheres, sobretudo, na China.

Já que é de grande importância o estudo das mulheres, principalmente daquelas que estavam participando da Revolução Comunista da China, pois sem elas a proclamação da República Popular da China (1949) provavelmente nunca aconteceria. Elas têm um espaço nessa história que não pode ser ignorado, essencialmente no auxílio dos seus camaradas combatentes nas linhas de frente, podendo elas serem socorristas, enfermeiras, cozinheiras das tropas, cuidavam de suas roupas, além de sair pelas áreas vizinhas a fim de obter informações úteis aos comunistas, e em algumas circunstâncias, atuando nas milícias armadas.

Embora sejam, funções de auxílio, não de combate direto, em sua maioria, tais trabalhos não são de menor importância em uma revolução, pois elas eram vitais para a funcionalidade das tropas, para seu atendimento médico e sobretudo, para a mobilização da população camponesa. Uma vez que, na época e na região, mais especificamente, “cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seus lugares quase predeterminados, até em seus detalhes”.²

Apesar dos esforços do Partido Comunista da China de promover o ingresso de mais mulheres em sua causa, o ambiente de convivência era cheio de desafios causados por milênios de desigualdade de gênero explícita e defendida pelos mais conservadores, e por isso “militante, ela [mulher] tem dificuldade em se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes”.³ Dessa forma, as dificuldades de convivência, retratadas nesse

¹ A transcrição fonética dos caracteres chinês mais utilizada pela República Popular da China e por aqueles que a estudam é o Pinyin, e por isso essa será a transcrição trabalhada nessa monografia, embora haja muito de *Wades-Giles* nas fontes encontradas por essa ser a mais antiga.

² PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottman. 1ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p.162.

³ Ibidem, p.171.

trabalho, são necessárias para a compreensão do movimento a partir da história das mulheres, contada por uma delas, a escritora Ding Ling.

Já que de acordo com Michelle Perrot (2017):

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam, não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. Na cidade, na própria fábrica, elas têm outras práticas cotidianas, formas concretas de resistência.⁴

Portanto, o estudo da vida e obra de Ding Ling a ser realizado nesse trabalho se torna significativo, já que a autora fez parte da diretoria do partido e usou disso para advogar pelos direitos das mulheres. Mostrando-se ofendida e por isso denunciando abertamente a forma que as suas camaradas de luta eram constantemente motivo de fofocas e histórias inventadas. Também relatando as dificuldades para uma mulher participar de forma ativa da vida política ao mesmo tempo que permanece com sua reputação de dama intacta, pois, ela não poderia nem menos conversar com um companheiro de luta sem ser acusada e difamada, principalmente, se ela for solteira.

Para isso, o trabalho a seguir será dividido em três capítulos, onde o primeiro contextualizará as condições em que viviam as mulheres chinesas. A primeira parte deste capítulo inicial, contará as amarras sociais femininas, suas proibições e como as mulheres eram vistas na sociedade. Para depois, abordar na segunda parte, o desejo que vai surgir de libertar essas mulheres através de sua educação formal e da sua independência financeira, desejo esse de ambos os sexos, uma vez que a emancipação feminina virou sinônimo de modernização na China. Por fim, a terceira parte relatará como os principais partidos, o Partido Comunista da China e o Guomindang, vão enxergar os movimentos de mulheres como uma oportunidade de engajar e recrutar aliados para a causa de melhoria no bem-estar social e de retomada da soberania nacional perdida com as invasões estrangeiras.

O segundo capítulo se concentra nos primeiros anos de vida e de arte da protagonista desse trabalho: a escritora chinesa Ding Ling, para isso ele é dividido em duas divisões. Na primeira, contará acerca de sua formação familiar, que será decisiva para o que ela veio a ser no futuro, pois sua mãe, Yu Manzhen, lhe garantiu

⁴ PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros.** Op. cit., p.193.

uma educação formal em uma instituição de ensino que lhe proporcionou reflexões sobre a situação miserável do seu país, o que também a fez participar de diversas lutas sociais, desde a sua adolescência. Já na segunda parte, contará sobre seu início no Partido Comunista da China e na literatura comunista aliada à sua chegada na zona libertada de Yan'an. As duas partes desse segundo capítulo também abordarão as diferenças nos estilos de suas obras, que irão evoluir com diferentes aspectos ao longo de que sua escrita fica mais voltada ao Marxismo.

Já o último capítulo, relatará o início de sua decaída. A primeira seção abordará a situação feminina na zona libertada de Yan'an, onde Ding Ling exercia diversos trabalhos para o Partido Comunista da China e para as Organizações de Mulheres. Além de analisar como as políticas sociais do governo mudaram em relação aos direitos das mulheres, os motivos que ocasionaram tal fato, e, sobretudo, ressaltar como a escritora criticou isso através de seus artigos. Para finalizar esta monografia, a segunda seção do terceiro capítulo, revelará como a liderança do partido lidou com as críticas feitas por Ding Ling, em um momento de forte Campanha Antidireitista e em contexto de Revolução Cultural, o que resultou em sua saída do PCCh em 1958, e após mais de uma década, em sua reabilitação sob a liderança de Deng Xiaoping, que estava no poder da República Popular da China, em 1979.

2 A CHINA MODERNA SE FAZ COM MULHERES LIVRES

“Educação que a tornasse uma cidadã moderna consciente, bem como lhe assegurasse uma ocupação; uma personalidade independente que significava autoconfiança financeira e autonomia nas decisões relativas ao casamento, carreira e assim por diante (...).”

Wang Zhen⁵

2.1 Condição das mulheres: contexto social e histórico

O confucionismo foi sem dúvida um dos principais pilares para as determinações das relações sociais. De fato, eram três leis principais: a lealdade com o soberano, a piedade filial e a castidade das moças solteiras. Foi a partir dessas regras que se derivou grande parte das condutas dos homens e das mulheres perante a sociedade chinesa.

A condição das mulheres era uma das principais bases para essa situação, elas estavam destinadas a uma vida escravizada dos homens e da família do seu marido, sendo literalmente propriedades privadas capazes de serem vendidas e compradas. Sua força de trabalho, apesar de ser aproveitada, era menosprezada e desvalorizada. E a submissão a algum homem era a sua obrigação, podendo ser ele seu pai, irmão (quando solteira), seu marido (após o casamento) ou até mesmo seu filho (depois de se tornar viúva).⁶ Portanto, qualquer modificação nesta situação era um duro golpe em toda hierarquia social defendida pela moral confuciana que pregava a separação dos gêneros, a dependência feminina e a destinação das mulheres para o exercício das funções domésticas.

As mulheres eram afastadas de qualquer atividade intelectual, eram proibidas até mesmo de aprender a ler e escrever. Eram poucas as eruditas, mesmo nessa sociedade onde se valorizava os saberes eruditos, até mais que as estratégias militares. Ou seja, a ignorância era uma virtude apreciada nas mulheres. Elas eram

⁵ ZHENG WANG. **Women in the Chinese Enlightenment**: Oral and textual histories. Califórnia: University of California Press, 1999.

⁶ LIN, Yutang. **Minha terra e meu povo**. Rio de Janeiro: Pongetti, s.d.

impedidas de prestar exames públicos, provas acadêmicas, ter herança ou poder.⁷ Desse modo, a mobilidade social era uma exclusividade masculina. Ter um trabalho remunerado era uma desonra exclusiva das mulheres mais pobres, cujas famílias não tinham opção por causa da miséria, e mesmo assim, era em empregos poucos valorizados.

Sua função mais valorizada no lar era a de reprodução, ela era receptora da semente do homem, não transmitindo nada ao filho, nem o sangue, tampouco o sobrenome, aquele que nascia era de propriedade da família do marido. Era de sua responsabilidade a fertilidade do casal e o sexo do recém-nascido, podendo ser sua glória o nascimento de muitos meninos e/ou sua queda o nascimento de uma única menina.⁸ Seu status social melhorava quando ela se tornava sogra e poderia exercer sua autoridade sobre a sua nora.

A menina recém-nascida ficava com a vida dependendo da vontade de sua família, pois uma moça a se casar iria pertencer à família do marido, não sendo herdeira e continuadora de sua linhagem, não cuidando do seus pais na velhice. Era um luxo para as famílias terem várias filhas que no fim, só gerariam gastos e não retorno no futuro, por isso, que apenas os nascidos do sexo masculino eram honrados. Devido a isso, milhares de crianças do sexo feminino foram mortas com o passar dos séculos na China, sendo mais comum em épocas de crise, calamidades, fome ou guerras.⁹

Não pode-se tratar aqui de assassinato porque os filhos eram bens das famílias, sobretudo as meninas, e devido a isso, o líder familiar poderia decidir sua vida ou morte. Para as meninas que sobreviveram ao potencial infanticídio e à fome, já que poderiam ser menos nutridas que os meninos, existia o risco de serem vendidas desde muito novas. Havia poucas possibilidades para o seu destino, elas poderiam ser vendidas como serviçais-escravas, concubinas ou esposas. Três destinos que representavam status sociais diferentes.¹⁰

⁷ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006, p. 30.

⁸ HAN, Suyin. **The Crippled Tree**. London: Panther Book, 1864.

⁹ BUCK, Peter. **Minha Vida**. Porto Alegre: Globo, 1960.

¹⁰ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p. 39.

Por causa da morte intencional de inúmeras meninas, existia a falta de mulheres para o casamento, o que obrigava os homens mais pobres a juntar dinheiro durante toda a vida para comprar uma esposa ou apenas se contentar em morrer sem uma. O que era um grande motivo para a lástima, já que morrer sem se casar ou sem herdeiros era extremamente negativo no ideal confuciano da época.¹¹

Aquelas vendidas para o trabalho de serviçais vinham de famílias pobres que preferiram ter suas filhas escravizadas a vê-las morrerem de fome, também para poderem se livrar das despesas que elas significavam e gerando assim uma renda.¹² Por esses motivos, muitas filhas de camponeses pobres foram vendidas a senhores de terra para liquidar dívidas ou adiar o prazo do seu pagamento. Seu novo dono poderia explorá-la ao máximo, desde a sua força de trabalho até de seu corpo, ou seja, o patrão poderia abusar sexualmente de suas jovens serviçais, e até mesmo decidir com quem elas iriam casar. Dessa maneira, se elas tivessem um romance com algum homem indesejado poderiam ser destinadas à pena capital.¹³ Entretanto, a violência sofrida por elas não era apenas cometida por homens, muitas de suas senhoras poderiam ser tão mais ou até piores que seus maridos.

O casamento sem dúvida era o melhor destino possível a uma mulher, um bom casamento significava um divisor de águas na sua vida. Um homem afortunado poderia se casar com uma mulher de sua classe social, mas também ter inúmeras outras parceiras sexuais, concubinas, que não tinham o mesmo status familiar que a primeira esposa, pois elas eram somente adquiridas com a justificativa de procriação máxima do homem, a fim de perpetuar sua linhagem ou para saciar os seus desejos sexuais e eróticos.

As concubinas não tinham nenhum direito, elas poderiam ser repudiadas a qualquer momento, sem nenhuma garantia, também abusadas pelos seus senhores, não tendo nem mesmo o direito aos seus filhos biológicos que legalmente seriam da esposa oficial, a qual ela não poderia desagradar, se tornando como um cão fiel. Embora haja, são raras as exceções onde se vê intenso conflito entre esposas e concubinas, pois a hierarquia social regulamentava com maestria a situação. Graças a tudo isso, usualmente essa era uma possibilidade de destino apenas para as

¹¹ GRISAR, Elizabeth. **La femme en Chine**. Paris: Buchet-Chastel, 1957.

¹² BEVOUIR, Simone. **A Longa Marcha**. São Paulo: Ibrasa. 1957.

¹³ CH'U, T'ung-tsu. **Law and Society in Traditional China**. Paris: Mouton, 1965.

meninas de famílias mais pobres, pois era degradante demais para qualquer família de posses ver uma filha nessa condição de submissão.¹⁴

Ser a primeira esposa era o status onde havia maiores privilégios para uma mulher. Ela era comprada, geralmente com pouca idade pelos seus futuros sogros por causa do menor preço de uma 'nora-criança' em comparação a uma adulta, além de poderem dispensar as despesas das caras cerimônias de casamento e criar a criança conforme os costumes e expectativas da família.¹⁵ Os familiares do esposo poderiam comprar uma noiva mesmo antes do filho homem nascer ou até mesmo casá-lo depois de sua morte.¹⁶ Para fugir disso, muitas vezes, a alternativa era recorrer ao suicídio, já que essa era a única forma dessas meninas ter qualquer tipo de autocontrole sobre suas próprias vidas.

Tal condição social poderia possibilitar inúmeros abusos, visto que essas meninas não poderiam escolher o seu esposo, podendo ser obrigadas a casar com um homem idoso, uma pessoa com deficiência física ou cognitiva severa, com alguém em estado terminal, e posteriormente a sua morte, era do agrado social o suicídio da moça. Uma vez que o pilar da vida de uma mulher casada era seu marido e seus filhos, e quando ocorria a não existência desses familiares, não havia também motivos para a sua vida. Além disso, também seria uma garantia de sua vida posterior a viuvez em eterna castidade, já que uma mulher não poderia se casar por uma segunda vez, tampouco se deitar com dois homens diferentes no decorrer de sua vida. O ato de se suicidar também era deveras virtuoso nessa situação, e poderia representar uma pensão das autoridades aos seus sogros, o que poderia também acarretar no assassinato dessas viúvas cometido pelos seus sogros a fim de simular um suicídio.¹⁷

Pois, de acordo com a explicação da historiadora francesa Christine Dabat (2006):

Pertencer à família do esposo não era uma figura retórica ou simbólica; às vezes, era dramaticamente concreto. O poder da

¹⁴ PRUITT, Ida. **A Daughter of Han**. In *Autobiography of a Chinese Working Woman*. Stanford: UP, 1967.

¹⁵ BEAUVOIR, Simone. **A Longa Marcha**. Op. cit., p. 107.

¹⁶ REISCHAUER E.; FAIRBANK, John K. **East Asia**. The Great Tradition. Boston: Houghton and Mifflin Co., 1958.

¹⁷ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p 45

família do marido era absoluto, a não ser no caso em que a família da esposa fosse particularmente rica e influente. A nora era comprada e podia ser revendida; ou até mesmo alugada: o tempo, por exemplo, de produzir um ou dois filhos para uma outra família.¹⁸

O divórcio era uma possibilidade que só cabia ao marido ou aos sogros, apesar disso, ele era muito raro visto que normalmente existia outra opção. Uma das principais razões era a desobediência perante os sogros, já que essa situação ameaçava a estrutura familiar tradicional. A segunda razão era a esterilidade, porém se o homem fosse rico poderia ser recompensado pela concubinação, o que poderia causar o terceiro motivo para o divórcio: o ciúmes. O adultério era outra possível razão, mas ela poderia ser resolvida com a pena de morte. E, por fim, a tagarelice poderia também causar o divórcio, demonstrando que as mulheres tinham que se preocupar até com o quanto falavam.¹⁹

A esposa só tinha algum tipo de autoridade quando ela se tornava sogra, a matriarca da família, subindo assim na hierarquia familiar defendida pelo confucionismo. Ela vai se vingar de todos os anos de violência sofridos na juventude com a nora, reafirmando seu poder sempre por meio de agressões, humilhações e/ou a privando de algo essencial, como a comida. Ela representava a ordem no âmbito doméstico e era o resultado de um perpetuado ciclo de violência e rivalidade feminina que sustentava o poder do patriarcado.²⁰

Já a violência doméstica era a regra, sendo completamente banalizada e normalizada, pois “do grande mandarim até o mais pobre camponês, o marido afirmava, desse modo, a sua virilidade, não apenas em relação a sua esposa ou concubina, mas também socialmente”.²¹ Isto é, a esposa era constantemente abusada pelo seu marido e sogros, os quais se configuravam, na época, como seus donos, visto que eles tinham literalmente o direito institucionalizado sob sua vida e morte.

Existiam, de fato, casais felizes com famílias e vidas pacíficas em que o marido e os sogros não exerciam o direito de maltratar a esposa, mas essa era exceção. Uma vez que a paixão recíproca raramente era premiada com o

¹⁸ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p 46-47.

¹⁹ CH'U T'ung-tsu. **Law and Society in Tradicional China**. Op. cit., p. 48.

²⁰ SNOW, Helen Foster. **Women in Modern China**. Paris: Moun-ton, 1967.

²¹ Ibidem, p. 49.

casamento, porque ela era de exclusividade dos contos românticos e eróticos da literatura da época que, muitas vezes, tinha o fim trágico por serem impossíveis de serem concretizados. O amor conjugal dos jovens não era levado em conta quando a sua família decidia seu casamento. Os noivos, na maioria das vezes, nem se conheciam, na verdade, não precisavam, todos os arranjos matrimoniais eram concluídos por seus pais e avós. O primeiro encontro era feito apenas no dia do seu casamento, para desgosto também do jovem futuro marido, que era mais uma vítima das imposições familiares.

Além das violências já citadas, as mulheres também sofriam com a tradição de atar os pés, chamados de pés de lótus ou também de pés atados. Essa prática surgiu entre os séculos VIII e X, principalmente no norte da China, e foi praticada por praticamente todas as classes sociais. Essa foi, sobretudo, uma moda que atingiu primeiramente a corte para, em seguida, atingir a sociedade como um todo e se destacar pela hiper valorização erótica dos pés extremamente pequenos, consequência de uma vida inteira de tortura para as mulheres.²²

Sua origem se dá na Dinastia Tang (618-906), mas se popularizou com os Songs (960-1279) e depois com os Mongóis da Dinastia Yuan (1279-1368), entretanto, a integração veio somente com os Mings (1368-1644). Os manchus tentaram proibir o antigo costume quando instauraram a Dinastia Qing (1644-1911), mas não conseguiram convencer os Hans a abolir a prática. Portanto, essa se tornou uma tradição para somente as mulheres da etnia Han, as mulheres de outras etnias chinesas eram poupadas.

As mulheres que tinham que encarar essa maldição de eterna dor, viam seus destinos traçados com apenas cinco ou sete anos, quando “sua mãe atava-lhe os pés, dobrando os dedos por baixo da sola e mantendo-os com vários metros de bandas de tecido firmemente amarrados. Os sapatos eram reduzidos à medida que a atadura fazia efeito”,²³ tudo isso a fim de alcançar os tão desejados dez centímetros de pés. Sendo assim, os ossos eram quebrados e as unhas entravam nas plantas dos pés.

²² Ibidem.

²³ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p. 57.

Esse ato acarretava em desvantagens físicas, pois para elas era extremamente difícil andar, só conseguindo fazer isso cambaleando e com a ajuda de apoio. As camponesas não eram poupadas, a atadura dos seus pés fazia com que o trabalho no campo fosse extremamente difícil para elas, pois não podiam correr, ficar em pé por muito tempo, fazerem exercícios físicos ou carregar fardos pesados, forçando-as a ter que trabalhar sob os joelhos ou sentadas, porque nesse caso a miséria as impedia de se resguardar ao âmbito doméstico, ou seja, dentro do seu lar.²⁴

Toda a operação de atar os pés das filhas era feita pela mãe, visto que os pés nus eram eróticos demais para um homem, sem ser seu marido, pudesse visualizar ou tocar.²⁵ Portanto, embora houvesse boa intenção, as mães viraram o carrasco de suas filhas. Mas não havia escolha a ser feita, porque numa sociedade onde o casamento era o único caminho aceitável para uma mulher, os pés atados viravam exigência para um bom matrimônio, além, claro, da virgindade.²⁶

A atadura dos pés era mais que um modismo, ou um padrão de beleza da época, simboliza a reclusão das mulheres aos seus lares e por isso também a sua expulsão da vida política, cultural, social e quase totalmente da participação econômica.²⁷ Configurando assim na sua prisão, já que uma mulher com os pés atados não poderia literalmente correr para longe de sua situação, tampouco poderia juntar dinheiro suficiente para sua independência financeira com sua força de trabalho, por isso, sendo também uma condição para o matrimônio.

Mesmo assim, é incrível ter que admitir que uma moda fosse capaz de incapacitar metade da população e da força de trabalho somente com a justificativa de garantir um bom casamento, mas é isso o que a historiografia mais tradicional argumenta sobre a questão e sobre a época.²⁸ Talvez uma das explicações seria a não valorização do trabalho feminino, pois, em geral, elas eram vistas apenas como

²⁴ Ibidem, p.55.

²⁵ VAN GULIK, Robert. **La vie sexuelle dans la Chine ancienne**. Paris: Gallimard, 1971.

²⁶ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p. 56-57.

²⁷ REISCHAUER E. e FAIRBANK, John K. **East Asia**. The Great Transformation. Boston: Houghton and Mifflin Co, 1958.

²⁸ Julia Kristeva aborda o problema das ataduras dos pés em sua obra, uma das mais completas acerca do tema, explicando-o como um significativo processo de persuadir as mulheres de forma categórica que essa seria a única maneira de ser reconhecida a partir de padrões estéticos e outros aspectos típicos da feminilidade, como: doçura e cordialidade. KRISTEVA, Julia. **Des Chinoises**. Paris: Ed. Des femmes, 1974.

uma pessoa a mais na casa para alimentar. A escritora Ding Ling não teve que passar pelo infortúnio dos pés de lótus, mas sua mãe, Yu Manzhen, sim, tendo como a libertação dos seus pés, um processo doloroso e que alcança poucos resultados, um sinal do desejo de sua própria libertação após ficar viúva e ver a sua independência financeira como a única opção de sustento de sua família falida.

Normalmente, as mulheres nas áreas rurais trabalhavam somente durante a semeadura e a colheita, os dois períodos de maior atividade na lavoura no ano, apesar disso variar conforme a região e a etnia. A interdição de mulheres no trabalho do campo poderia ou não estar relacionada à atadura dos pés, entretanto, onde a tradição dos pés de lótus era mais rígida, o trabalho feminino era menor, mas não inexistente. Já nas áreas costeiras, onde os homens viviam no mar, as mulheres de pés grandes realizam de forma exclusiva o trabalho agrícola.²⁹

Porém, onde o trabalho feminino se destacava era na tecelagem, pois elas poderiam realizá-lo sentadas e dentro de suas casas. Essa produção servia tanto para atender às necessidades da família de vestimentas, quanto para a venda nos mercados, sendo assim uma fonte de renda segura para as famílias e para o Estado, na forma de impostos, por não depender diretamente da inconstância do clima.

Já da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX, a China sofreu com as exigências das grandes potências: Grã-Bretanha, França, Rússia, Estados Unidos, Alemanha, e por fim, Japão, que ocasionou uma guerra sino-japonesa (1937-1945) que enfraqueceu ainda mais a soberania chinesa. Tais países tomaram para si a autonomia da China no âmbito militar e econômico, assegurados por diversos tratados desvantajosos para a China que já havia perdido as duas guerras do ópio.³⁰

Entretanto, eles não ocuparam todo o território chinês, se concentrando nas áreas costeiras mais afortunadas, causando a perda de qualquer controle na região

²⁹ DAVIN, Delia. **Woman-work**. Women and the Party in Revolutionary China. Oxford: Clarendon Press, 1976.

³⁰ A Primeira Guerra do Ópio ocorreu de 1839 a 1842; já a Segunda Guerra do Ópio aconteceu de 1856 a 1860, ambas por causa das intenções inglesas de forçar o seu monopólio de ópio na China. No fim das duas guerras as tropas britânicas saíram vitoriosas, o que ocasionou a legalização de diversas normas prejudiciais à nação chinesa. POMAR, Wladimir. **A revolução chinesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2003

por parte do império. Intervindo também nos assuntos internos da nação, até mesmo nas alfândegas e impondo o monopólio da venda de seus produtos. Inundando assim os mercados chineses com mercadoria estrangeira e atrapalhando o comércio local.

O império abatido gastou fortunas com indenizações e reparações de guerra e com as tentativas militares de defesa do território. O que forçava os aumentos de impostos, um motivo de lamentação para as classes mais pobres, principalmente, o campesinato.³¹

Certamente a nação que mais lucrou com tudo isso foi a britânica, com a Companhia das Índias Orientais, que fazia operações bastante lucrativas na região, especialmente com o tráfico de ópio, direito adquirido com a vitória das duas guerras do ópio. Os intensos confrontos, as exigências e as intervenções imperialistas obrigaram a China a abrir suas fronteiras para a importação de ópio, um elemento de desintegração social, pois o consumo se espalhou nacionalmente atingindo todas as camadas sociais.³²

A maior parte do território de cultivo das Índias, ou seja, o seu solo mais fértil, foi destinado para a plantação de papoulas e o mesmo, posteriormente, foi feito na China, o que ocasionou na destruição do sistema agrícola tradicional, pois o cultivo obrigatório, e quase exclusivo de ópio, agravou profundamente a falta de alimentos e a fome nas regiões. Além disso, o comércio indiscriminado do ópio adoeceu boa parte da força de trabalho adulta que se viu viciada no produto alucinógeno. Portanto, o monopólio de produtos estrangeiros e o comércio de ópio agravaram profundamente as mazelas sociais, sendo a mais grave delas: a miséria.

No final do século XIX, a China passou, de maneira forçada, a importar mercadorias das suas potências imperialistas, de novidades tecnológicas da época até mesmo daqueles itens que já havia uma produção local, resultado do artesanato que tinha um papel vital na renda das famílias e na produção feminina, sobretudo, das camponesas. Era impossível para o artesanato chinês competir com as

³¹DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p.76.

³² SPENCE, Jonathan. **Em busca da China Moderna**. Op. cit., p. 159.

manufaturas europeias e norte-americanas que eram mais baratas, por meio de *dumping*, e de melhor qualidade.³³

Devido a isso, setores da produção domésticas desapareceram, o que agravou a miséria dos camponeses e dos pequenos artesãos, a maior parte da população chinesa. Essa massa realizava protestos, mas, embora fossem de grande agitação social, não conseguiram acabar, ou até mesmo atrasar, a imposição comercial estrangeira. Tal período de intensa interferência internacional é comumente chamado de o Século da Humilhação (1839-1849).

As indústrias estrangeiras cresceram em solo chinês a partir da subjugação da produção artesanal e tradicional. Com o passar dos anos, as mulheres esqueceram a arte de fiar e tecer, e por causa disso, muitas se viram obrigadas a partir dos campos para as cidades a fim de trabalhar nas fábricas, mesmo com suas limitações físicas causadas pelos seus pequenos pés. Por causa da pobreza das zonas rurais, muitos homens foram embora da China em busca de oportunidades melhores, deixando as mulheres como financeiramente responsáveis pelas famílias. As trabalhadoras eram duas vezes mais numerosas que os homens nas fábricas, e a preferência era por elas e as crianças, como mão de obra, por causa dos seus estereótipos de docilidade e devido aos seus pagamentos, eram as opções mais baratas para os empregadores, já que o salário de uma mulher poderia ser até 30% mais baixo do que o de um homem.³⁴

Além disso, as condições de trabalho e de vida eram as piores possíveis: a jornada de trabalho era até a exaustão do trabalhador e em condições abomináveis. Em algumas fábricas havia somente funcionários pálidos agrupados em um espaço sujo e irrespirável, em quase total escuridão até tarde da noite. Havia algumas curtas pausas para refeições e descanso, porém tomadas em ambiente em total falta de higiene, o que colocava as suas vidas em risco.

Eram funcionários pobres tratados como criminosos nas piores prisões, uma vez que existiam guardas armados de chicote patrulhando. Tais trabalhadores, com o menor sinal de desobediência, corriam o risco de sofrerem com os rotineiros maus

³³ MARX – ENGELS. **La Chine**. Paris: UGE, 1973.

³⁴ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p. 97.

tratos físicos. A maioria dos operários das indústrias têxteis eram mulheres e crianças, que ficavam, às vezes, doze horas por dia em frente às máquinas.³⁵ A falta de assistência e de alimento resultava, muitas vezes, na morte dessas pessoas de desnutrição, tuberculose, escorbuto ou outra enfermidade. Entretanto, no campo existia uma enorme reserva de trabalhadores pobres que poderia preencher essas vagas, sendo esses, crianças e moças vendidas pelos seus pais a um fornecedor de mão-de-obra como escravizados.

Na maioria das vezes, as meninas mais bonitas eram fornecidas as casas de prostituição, as outras iam para o trabalho doméstico ou industrial. Normalmente trabalhavam em troca de alojamento, alimentação e de uma promessa de proteção. Elas eram colocadas em pensões para moças, sem comunicação com seus familiares, dormindo no chão. Poderiam obter a alforria dos seus contratos com três ou cinco anos de escravidão, mas acabavam virando alvo fácil de outros intermediários, ou seja, sua situação nas fábricas não sofria grande modificação.

Outro meio de violência bastante enfrentado era o assédio sexual, também o estupro, sua forma mais grave. Porque a miséria era tão grande que as obrigava a aceitar as propostas sexuais dos seus chefes em troca de dinheiro ou somente da permanência nas fábricas. Quando elas engravidavam, geralmente, eram mandadas embora do serviço, por isso escondiam seu estado até os dias restantes de gestação,³⁶ o que fazia a sua saúde e do seu filho serem totalmente negligenciadas. Sendo assim, apenas entre 40% e 50% das crianças nasciam vivas e essas sobreviventes ainda corriam o risco de sofrerem com o infanticídio que a pobreza obrigava os pais a cometerem.³⁷

Tal contexto ocasionou uma nova organização familiar entre as operárias, pois agora se tem moças contribuindo na renda familiar, com um papel e poder capazes de ser o maior no âmbito da família. A renda do pai não era o bastante para uma vida minimamente digna, e por causa disso, houve a introdução na sociedade

³⁵ Ibidem, p. 99.

³⁶ CHESNEAUX, Jean. **Les syndicats chinois**. 1919 – 1924. Textes, Presse. Paris; Mouton, 1965, p. 214.

³⁷ KUCZYNSKY, Jurgen. **Die Geschichte der Lage der Arbeiter unter dem Kapitalismus**. T II Bd 28.

de uma certa independência econômica dos jovens e das mulheres, que favoreceu para a transformação do núcleo familiar e das relações entre seus membros.³⁸

Outra nova modificação significativa foi o desejo das jovens mulheres de atrasar propositadamente seus casamentos, ou até mesmo recusá-lo, pois agora que elas poderiam se bastar economicamente ter um marido deixou de ser uma obrigação, além disso, elas poderiam se libertar da opressão da família e viver sozinhas agora que seu poder aumentou. Tal exclusão do papel do homem na vida de uma mulher, até mesmo para fins sexuais, era deveras revolucionário porque em tempos passados isso só era possível se a mulher se tornasse monja.³⁹

Elas formavam grupos de ajuda mútua que também organizavam greves e protestos em razão das suas más condições de trabalho. Devido a isso, foram feitas acusações de forças conservadoras que as chamavam de lésbicas ou comunistas por estarem insultando e colocando em risco o homem como a autoridade oficial da sociedade. Além disso, houve combates armados a suas organizações e seus membros foram fortemente perseguidos e executados, principalmente após a tomada de poder de Chiang Kai-shek em 1927, forçando essas mulheres a se organizarem na clandestinidade.⁴⁰

2.2 O desejo pela emancipação feminina através da educação formal

Foi graças à influência de estrangeiros que chegaram em peso na China, trazendo ideias de igualdade e direitos humanos, que surgiram as primeiras escolas para meninas no século XIX e XX.⁴¹ Os missionários ocidentais pressionaram o império a deixar as mulheres abrirem escolas primárias e secundárias para meninas a partir de 1860.⁴² Os estrangeiros começaram a promover também a educação de meninas e meninos, inclusive no ensino superior. O governo imperial chinês apenas fez algo semelhante de inclusão em 1897. Mas, apesar disso, o número de meninas em escolas ainda era baixo, a maioria delas eram filhas ou esposas de famílias ricas

³⁸ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p.102.

³⁹ CHESNEAUX, Jean. **The Chinese Labor Movement, 1919-1927**. Stanford: Stanford University Press, 1968.

⁴⁰ SMEDLEY, Agnes. **Portraits of Chinese Women in Revolution**. New York: Feminist Press, 1976.

⁴¹ É importante separar esses missionários e intelectuais estrangeiros dos governantes das principais potências que tinham intenções imperialistas na China.

⁴² DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p.107.

embebedadas pelas ideias de modernidade ocidentais, sendo Ding Ling um claro exemplo desse fenômeno.

Antes havia mulheres chinesas estudando em outros países, principalmente no Japão.⁴³ Esse número era extremamente baixo, mas quando essas mulheres voltaram para o solo chinês fizeram grande diferença na luta pela educação de meninas, trazendo aquilo que aprenderam e ensinando para as suas aprendizes, promovendo também o debate de mais inclusão de moças nas instituições de ensino.

Apesar das aulas promoverem a pureza feminina⁴⁴ e o ensino de virtudes tradicionalmente associadas à feminilidade como a obediência e a docilidade, sendo destinadas a preparar futuras e competentes mães que iriam ensinar aos seus filhos patriotismo e piedade, essa educação fez nascer uma elite questionadora do papel das mulheres na sociedade. Dessa forma, foram dessas instituições que emergiram os primeiros sinais das grandes movimentações de mulheres, inclusive de feministas inspiradas nas sufragistas norte-americanas e europeias, principalmente após a Revolução de 1911, que veio a significar a queda do império.⁴⁵

Desse modo, mesmo sem experiência e apoio armado, eles formaram diversos grupos de ajuda mútua e de discussões em prol da luta pela emancipação,⁴⁶ que tinham como principais pautas a educação moderna para meninas e mulheres, tal qual recebiam os homens, e o fim da tradição de atar os pés femininos. Porque era deveras atrativo para essas moças o discurso de uma vida independente, livre do controle intenso de suas famílias, mas que também poderia significar a abdicação do apoio familiar. Era um movimento de grande influência das organizações feministas ocidentais, sobretudo, das sufragistas inglesas e americanas.

Já no Movimento Quatro de Maio (1919), alunas, como a própria Ding Ling, publicaram jornais, lideraram manifestações patrióticas e organizaram pequenos

⁴³ DAVIN, Delia, **Woman-work**. Op. cit., p.12.

⁴⁴ MEYER, Charles. **Histoire de la femme chinoise**. 4 000 ans de pouvoir. Paris: J. – C. Lattès, 1986.

⁴⁵ Ibidem, p. 108.

⁴⁶ As mulheres encontraram apoio moral principalmente em irmandades que forneciam abrigo e ajuda financeira para aquelas que optassem por permanecer solteiras, ou em grupos de homens que estavam dispostos a casar com mulheres de pés grandes. SPENCE, Jonathan. **Em Busca da China Moderna**. Op. cit., p. 243.

comitês locais. Também houve greves e boicotes de mulheres aos produtos estrangeiros, sendo um grande destaque no movimento e atraindo grande atenção.⁴⁷ Esse movimento foi uma reação contra a posição da China perante as grandes potências imperialistas vitoriosas no Tratado de Versalhes (1919) que estava disputando o domínio do território chinês, ele também pode ser explicado pelo Século da Humilhação (1839-1949).

O grande evento relatado ocorreu na Praça Celestial e teve a participação de diversos grupos sociais, de caráter patriota e anti-imperialista. Tal movimento reivindicava questões que a modernidade trazia à tona, já que o confucionismo não era capaz de suprir as necessidades dos atuais jovens. Sendo assim, estudantes secundaristas, e até mesmo das escolas primárias, desafiavam as autoridades militares, suas famílias e o poder público, em defesa de sua causa.⁴⁸

E assim, as reformas sociais, e principalmente, a insatisfação feminina e seu papel na sociedade eram pautas nas discussões da elite intelectual chinesa. Essa emancipação desejada era claramente uma afronta à instituição familiar tradicional chinesa, mas, mesmo assim, muitos homens foram tomados pelos debates questionando a necessidade por igualdade, visto que era inconcebível uma sociedade moderna com tamanha desigualdade de gênero. Portanto, a libertação das mulheres significava e representava a libertação da própria China dos seus traços semifeudais.

Tais intelectuais estavam debatendo a partir de referências da Juventude Nova, órgão dos estudantes revolucionários durante os primeiros anos da República, resultado das preocupações dos jovens que foram educados na época e que atacavam os costumes antigos confucionistas, sendo os mais debatidos em relação às mulheres: a atadura dos pés e os casamentos arranjados. As publicações feitas por esse grupo influenciaram a formação política no pensamento de uma geração.

Um dos grandes escritores da época, claramente influenciador da escrita revolucionária que se popularizou, foi Lu Xun (1881-1936), o maior escritor moderno da China durante a maior parte do século XX, que embora não tenha participado diretamente dos protestos do Quatro de Maio, influenciou o movimento com as suas

⁴⁷ CHOW, Tse-tung. **The May 4th Movement**. Stanford: Univ. of Stanford Press, 1967.

⁴⁸ WITKE, Roxane. "Mao Tse-tung. Women and Suicide". In YOUNG, Marilyn B. Ed. **Women in China**. Studies in Social Change and Feminism. Ann Arbor: Univ. of Michigan Press, 1973, pp 33 – 46.

obras. Ele fez parte, sobretudo, do Movimento da Nova Cultura, um movimento intelectual que surgiu por volta de 1915 e foi difundido graças à revista da Juventude Nova. Diferente do Quatro de Maio, o Nova Cultura, declarava uma necessidade e os meios para uma grande reforma cultural da nação, não uma direta participação na república recém fundada.

Assim como outros intelectuais do período, Lu Xun foi um grande crítico da condição das mulheres, alertando que era pior do que em outros tempos passados, resultado do novo confucionismo implementado na Dinastia Song. De acordo com Bruno Motta (2017),⁴⁹ Lu Xun falou sobre isso em diversas oportunidades e através de suas obras, como em “Meu Ponto de Vista Sobre a Castidade” (1918)⁵⁰, onde ele abordou a castidade de maneira crítica, sendo ela uma imposição sobre as mulheres defendida pelos confucionistas antigos e os mais conservadores daquela atualidade.

Portanto, isso tudo fez a juventude da época questionar mais o seu papel social, já que ambos os sexos passaram a formar resistências contra as decisões tomadas pelas suas famílias, reivindicando suas próprias vontades. Porém, era tudo mais difícil para as mulheres, pois suas amarras familiares na prática eram bem piores que aquelas enfrentadas pelos homens. Como Christine Dabat alerta (2006):⁵¹ “a transição de uma moça tradicional, sem instrução, submissa, invisível, com os pés atados, para uma mulher de pés grandes, instruída, livre para escolher o seu destino, era tão radical que seduzirá inicialmente apenas um pequeno número delas”. Já que ela simbolizava a emancipação definitiva para o bem e para o mal, significando cortar também o apoio econômico e social permanentemente, visto que desonrada, ela não poderia regressar ao convívio familiar.

Lu Xun chamou essa problemática de “Fenômeno Nora” em referência à personagem feminina principal de “A Casa de Bonecas”, de Ibsen (1879),⁵² um grande sucesso na China e um símbolo de libertação feminina. Na obra, Nora abandona o seu marido e constrói para si um futuro de independência, o que

⁴⁹ MOTTA, Bruno Pontes. “**Destruir a casa de ferro**”: o escritor Lu Xun da China do Quatro de Maio, de 1919. 2017, 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) – CFCH, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017, p. 41.

⁵⁰ LU XUN. My Views On Chastity. In: LU XUN, **Selected Works**. Vol. 2. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3^o Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980.

⁵¹ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p.125.

⁵² IBSEN, Henrik. **Casa de bonecas**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

incentivou mulheres a buscar educação, liberta-se do seu marido opressor e mudar os padrões de beleza impostos socialmente cortando os cabelos e desatando os pés, um processo extremamente doloroso.

O principal autor da China no momento questionava “o que aconteceu depois que Nora sai de casa?”⁵³, já que a obra não diz, para ele havia somente dois caminhos a seguir: voltar para casa ou recorrer a prostituição, como o primeiro caminho era impossível por razões já mencionadas, a segunda opção era a mais provável. Por isso, Lu Xun reclamava maior igualdade econômica para as mulheres, elas deveriam ser ensinadas nas escolas não apenas para serem boas mães, mas também para ter uma independência financeira, sendo essa uma ferramenta fundamental para a libertação das mulheres das amarras dos seus prováveis destinos já mencionados.⁵⁴ Sua preocupação também é justificada por ele ter sido professor na Escola Normal de Mulheres em Beijing, no ano de 1923.

Entretanto, esse desejo por reformas sociais não foi compartilhado por todos, sendo essa uma das grandes críticas de Lu Xun. Ele reclamava que mesmo com o fim do império, muitos queriam ainda a manutenção dos valores tradicionais, o que parecia para ele absurdo, pois além de criticar a castidade como cruel, sobretudo para as mulheres, Lu Xun classificava a moral confuciana como imoral, alegando a necessidade da implementação de uma nova moral conforme os anseios da modernidade.

Mas, mesmo assim, a questão da mulher entrou em foco na sociedade, sendo essa uma discussão não só de exclusividade das organizações femininas. A vontade de emancipar as mulheres se propagou rapidamente, sobretudo nas zonas urbanas onde havia mais moças estudantes e trabalhadoras. Os grupos e movimentos de mulheres se formaram, podendo ser eles de tendência mais reformista ou radical, com inspiração no liberalismo ocidental, nas sufragistas ou então no marxismo soviético. Portanto, eles foram frutos de um momento de transformação da mentalidade nacional que surgiu a partir do desejo de emancipar as mulheres desde a popularização do ingresso delas nas instituições de educação formal.

⁵³ SPENCE, Jonathan. **Em Busca da China Moderna**. Op. cit., p. 312.

⁵⁴ LU XUN, What Happens After Leaves Home? In: LU XUN, **Selected Works**. Vol. 2. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3º Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980 p. 88

2.3 Os principais partidos e suas tentativas de engajar e recrutar as mulheres

Foi após o Movimento Quatro de Maio (1919), que os movimentos de mulheres, inclusive os feministas, começaram a ser levados a sério. Virando uma excelente oportunidade para os mais populares partidos da época recrutarem membros.

Esses partidos eram o Partido Comunista da China (PCCh) e o Guomindang (GMD): o primeiro fundado pelos professores Chen Duxiu e Li Dazhao, da Universidade de Beijing, aliados a alguns de seus estudantes empolgados com as ideias Marxistas e Anarquistas em 1921, após também terem participado do Movimento Quatro de Maio. Já o segundo, o nacionalista Guomindang, foi fundado em 1905 e teve enorme importância para estabelecer a república na China sob a liderança de Sun Yat-sen.

Havia um esforço de ambos os partidos no início da década de 20 para desviar esses movimentos de mulheres do feminismo a fim de trazê-los para mais perto de suas próprias ideologias. Primeiramente, a ideia era que somente depois da revolução política as mulheres poderiam ser libertadas de suas amarras sociais, porém, logo perceberam que era preciso fornecer a independência feminina para que as mulheres participassem do meio político. E assim se deu a revolução do pensamento, pois concluiu-se que não existiria revolução na China sem a participação ativa das mulheres.

O Partido Comunista da China (PCCh) declarou pela primeira vez publicamente conhecimento das movimentações de mulheres em sua Proclamação de 1922, apenas um ano depois de sua fundação. Declarou também apoio aos direitos femininos e anunciou a organização de um escritório especial para recrutar e engajar mulheres em sua luta. Também houve a criação de uma coluna especial no jornal do partido para assuntos do interesse feminino.⁵⁵ Entretanto, ocorreram críticas a essas ações na época, pois existia a dúvida se elas seriam uma concessão somente em palavras, não alcançando a maior parte das mulheres que não sabiam ler nem escrever, isto é, não tendo acesso aos escritos.⁵⁶

⁵⁵ Comittee of Concerned Asian Scholars. **China**: Inside the People's Republic. Nova York: Bantam Books, 1972, p. 275.

⁵⁶ LEITH, Suzette. Chinese Women in the early Communist Movement, in: YOUNG, Marlyn B. **Women in China**: Studies in Social Change and Feminism, Op., cit., p. 49.

Xiang Jingyu logo foi nomeada a primeira mulher membro do comitê central do partido e chefe do recém iniciado escritório feminino. Ela foi a principal feminista da época, segundo Suzette Leith, e também uma comunista de grande influência. Ainda quando era uma jovem estudante se envolveu em atividades em prol da independência de sua nação. Em 1918, participou da *New Student Society* (Sociedade Novo Estudante) organizada por Mao Zedong e Cai Hesen, com quem se casou. Foi com sua ajuda que surgiu um braço do PCCh na França e suas opiniões foram fundamentais para a tomada de decisões do partido. Ela criticava principalmente a maioria das mulheres chinesas com alguma instrução, o que não era comum na época, para Xiang, essas mulheres se dividiram em três categorias distintas: as de famílias reformadas, as mulheres de negócio e as românticas.⁵⁷

As primeiras, eram educadas no Ocidente, pois vinham de famílias ricas ou de clãs políticos individualistas, eram sobretudo filhas e esposas que seriam irrelevantes para a grande massa de mulheres pobres. As segundas faziam negócios, tinham escapado das amarras de suas famílias e participavam ativamente da vida comunista, ou tinham potencial para isso, mas eram deveras conservadoras ainda. Por último, o terceiro grupo de mulheres era o mais perigoso, formado por jovens indisciplinadas, verdadeiras românticas que sonhavam com o amor livre.⁵⁸

Entretanto, Suzette Leith, autora do capítulo "*Chinese Women in the Early Communist Movement*" (Mulheres Chinesas no Início do Movimento Comunista) do livro célebre "*Women in China: Studies in Social Change and Feminism*" (Mulheres na China: Estudos sobre Mudança Social e Feminismo) de 1973,⁵⁹ as divide em três grupos: mulheres trabalhadoras; sufragistas e as de grupos cristãos que ignoravam as mazelas das massas. Alguns grupos, principalmente os mais conservadores, queriam participar da política corrupta da época, se tornando legisladores, e esquecendo totalmente assim de participar da revolução: essas eram as principais críticas ao Movimento Contemporâneo de Mulheres à época. Por outro lado, havia o Movimento das Trabalhadoras, que estava separado do feminismo se aliando mais

⁵⁷ C'HEN KUNG-PO. **The Communist Movement in China**. Nova York: Columbia University Press, 1960, p. 28.

⁵⁸ HSIANG CHING-YU. **Three Groups of Educated Women**. Women's Yearbook: 1924.

⁵⁹ LEITH, Suzette. Chinese Women in the early Communist Movement, in: YOUNG, Marilyn B. **Women in China: Studies in Social Change and Feminism**, Op.cit.

às ideias revolucionárias marxistas, e que por isso, era o único com potencial revolucionário para Xiang Jingyu.⁶⁰

Ela estava profundamente impressionada com as greves de mulheres nas fábricas, fazendo um artigo pedindo que os revolucionários se concentrassem em três pontos-chaves: nas suas petições políticas; nas propagandas e nas trabalhadoras, visto que a maioria dos grupos de mulheres intelectuais excluía as mulheres de classes mais baixas nas suas discussões.⁶¹

A partir daí todos os esforços de Xiang com o escritório de mulheres do PCCh se concentrou na organização das trabalhadoras e das suas greves. Nesse período, o Partido Comunista da China trabalhou ao lado do Guomindang, e assim seus departamentos de mulheres se uniram a fim de realizar trabalhos de educação política em massa com as trabalhadoras. O objetivo principal para essa classe era a conquista de direitos trabalhistas com o governo nacional que se encontrava desmembrado naquele momento.

Diante disso, havia representações femininas nos dois partidos, mas ainda assim eram poucas aquelas com o poder significativo de tomada de decisões. Pois elas eram membros, mas também, em suma maioria, eram esposas dos grandes líderes que se encarregavam exclusivamente de assuntos ligados à feminilidade.⁶²

Um dos exemplos mais notório de mulher no movimento de libertação feminina no Guomindang foi Song Qingling (1893-1981), esposa de Sun Yat-sen, líder do partido nacionalista. Sua educação foi em Xangai e nos Estados Unidos e após a morte do seu marido, frequentemente sendo referido pela alcunha de pai da nação, ela foi eleita para o Comitê Executivo Central do partido nacionalista.

Em 1924, ocorreu a primeira celebração do 8 de março (Dia Internacional da Mulher), nesse dia centenas de mulheres, sobretudo estudantes, se reuniram em Cantão e em outras partes da China, pois as organizações de mulheres já havia se popularizados desempenhando uma função vital no movimento anti-imperialista e antifeudal. O grande obstáculo para a conscientização da massa de mulheres era

⁶⁰ HSIANG CHING-YU. **The Things the Shanfai Women's Rights Movement Should Concentrate On.** Women's Book: 1924, p. 77-87.

⁶¹ Ibidem, p. 104-107.

⁶² Comittee of Concerned Asian Scholars. **China:** Inside the People's Republic. Op. cit., p. 28.

sua gritante desorganização e desinformação, por isso, comunistas como Xiang iam de porta em porta convidando mulheres para as suas reuniões.⁶³

Mas a conversa, na maioria dos casos, era difícil, já que muitas vezes as trabalhadoras vinham de diferentes partes da China, e por causa disso, tinham diferentes dialetos. Outro problema era a reputação das comunistas, as mais conservadoras as viam como mulheres de cabelos curtos, que andavam ao lado de homens não parentes e que tinham os pés grandes. Devido a isso, era essencialmente um trabalho de conscientização de classe feito a passos lentos, um pouco por vez.

Em 1926, o documento "Revoluções sobre o Movimento das Mulheres" do comitê central de Xangai citou os pontos fracos das ações do PCCh: não conseguindo conquistar a massa, sua constante burocracia e determinou o desenvolvimento de ações práticas. Essas ações foram divididas em seis: dar ênfase às massas; conquistar a união de mulheres independentemente da classe social; trabalhar com as mulheres trabalhadoras e camponesas; popularizar suas publicações; reformar o local do Departamento de Mulheres e os comitês do movimento; expandir os membros do partido e o treinamento destes para o movimento de mulheres. Sendo assim, após mudanças, a adesão de mulheres aumentou significativamente, porém a maioria da participação continuava sendo de homens. Ou seja, aumentar o número de mulheres no partido tornou-se um grande desafio, mas que conseguiram finalmente contornar com ações para incorporar o movimento feminino no movimento de massa.⁶⁴

Os esforços do PCCh se concentraram em três grupos de mulheres distintos e em ordem de foco: no Movimento de Estudantes; no Movimento das Trabalhadoras e no Movimento das Camponesas. Sendo os esforços posteriores de engajar as mulheres do campo o que diferenciava os comunistas dos nacionalistas do Guomindang.

⁶³ YANG CHIH-HUA. **Days I Can't Forget**. In Women of China. 1958, p.7.

⁶⁴ WILBUR, C. Martin; HOW, Julie. **Documents on Communism, Nationalism and Soviet Advisors in China 1918-1927**. Nova York: Columbia University Press, 1958, p.120.

O Movimento Estudantil⁶⁵ foi o primeiro a ser posto em foco, visto que os fundadores do PCCh vieram de instituições de ensino, sendo, sobretudo, professores, escritores e estudantes. Ademais, porque os grupos estudantis tiveram uma participação impressionante e de destaque no Movimento Quatro de Maio de 1919. Portanto, as escolas e as universidades foram locais essenciais logo de início para o recrutamento das jovens no Movimento Feminino e para os partidos em geral.

A escritora Suzette Leith alerta que há poucos escritos sobre o Movimento Estudantil de 1921 a 1927, e talvez por isso, não se saiba se os partidos encorajaram células mistas ou separadas de integrantes, embora se tenha conhecimento que dentro do *New Student Society* (Sociedade Novo Estudante) havia células femininas atuantes. Esses também eram espaços importantes pelo potencial de crescimento no número de estudantes moças, porque conforme o tempo foi passando e as ideias estrangeiras de modernização iam adentrando as famílias mais ricas, mais moças foram mandadas para instituições a fim de iniciar os seus estudos.

Mas, ainda assim, no período, era comum serem poucas mulheres no ensino superior. Em 1922, 6,32% dos alunos eram meninas estudando nas escolas não missionárias, e em 1931, eram 11,75% meninas em faculdades e universidades.⁶⁶ Todavia, menos desse número tinham treinamento para liderar. Mais tarde, o que desmotivou o PCCh foi que a maior parte dessas mulheres intelectuais e letradas tinham suas origens em famílias burguesas, se identificando mais com os grupos feministas de libertação sexual do que com as ações traçadas para as lutas de classes, dando preferência as ideologias do partido nacionalista, o Guomindang.

O Movimento das Trabalhadoras⁶⁷ foi o segundo foco imediato dos partidos após o desinteresse com as estudantes, essa era agora a nova mina de ouro para o recrutamento. Em geral, o PCCh, nesse momento, visava incorporar os trabalhadores urbanos nos movimentos de massas, no entanto, as mulheres eram a maioria desses trabalhadores urbanos, especialmente nas terríveis fábricas, como já foi descrito sua situação neste trabalho.

⁶⁵ LEITH, Suzette. Chinese Women in the early Communist Movement, in: YOUNG, Marlyn B. **Women in China: Studies in Social Change and Feminism**, Op. cit., p. 55-57.

⁶⁶ AYSCOUGH, Florence. **Chinese Women Yesterday and Today**. Boston: Houghton Mifflin Co. 1957, p. 57.

⁶⁷ Ibidem, p. 57-60.

Em Xangai, nos anos 1923-1924, as mulheres representavam cerca de 74,5% de todos os trabalhadores, e 15,5% tinham menos de doze anos de idade.⁶⁸ Embora tal porcentagem mude dependendo da região, essa situação era o habitual no país. A urgência em agregar as mulheres das fábricas na revolução, não era só por causa do seu número bastante significativo, mas também, devido à opressão que sofriam no ambiente de trabalho.

Essas mulheres vinham de partes mais afastadas e mais pobres, muitas vezes, dos campos, para trabalhar nas áreas mais centrais. Elas sofriam com forte vigilância dos seus empregadores nas pensões em que moravam. As que sabiam escrever não podiam se comunicar com a família através de cartas por causa das proibições de seus tutores. Contudo, a maioria só sabia seu dialeto local, o que dificultava a sua organização. Acabavam assim, a princípio, recebendo poucas instruções sobre as greves. Elas também eram solteiras e por isso desamparadas pelos familiares.

Mesmo trabalhando as doze horas de jornada impostas, assim como os homens, as mulheres embolsaram um patrimônio muito menor em contraposição a eles.⁶⁹ Além de constantemente aguentarem os assédios dos seus empregadores. Dessa forma, elas sofriam a tirania do capitalismo de modo mais direto em comparação com as camponesas. Entretanto, elas dificilmente poderiam entrar em greve, porque eram facilmente substituídas por outras meninas recém-chegadas. Mas, mesmo com as dificuldades, participavam ativamente de todas as ações organizadas, inclusive de suas associações, que mesmo não sendo permanentes e nem muito fortes, estavam enfrentando os patrões de forma conjunta.

Apesar dos empecilhos e somente depois de grandes esforços, em 1922, houveram 100 greves com participação feminina,⁷⁰ mas apenas algumas são descritas como violentas e/ou vitoriosas. Os trabalhadores em greve pediam reajuste na sua jornada de trabalho para dez horas e um aumento de cinco centavos no pagamento das horas trabalhadas. Todavia, somente metade das greves tiveram êxito, o que já representava uma significativa conquista para a classe.

⁶⁸ CHESNEAUX, Jean. **The Chinese Labor Movement**, 1919-1927. Op. cit., p. 74-75.

⁶⁹ ORCHARD, Dorothy J. **Manpower in China II**. Political Science Quarterly, 1936.

⁷⁰ WALES, Nym [Helen Foster Snow]. **The Chinese Labor Movement**. Nova York: John Day Co., 1945.

Os trabalhadores, homens e mulheres, em geral, apesar da pouca colaboração conjunta, estavam cada vez mais atuantes. Houve o Movimento Trabalhista e também o Anti-Imperialista de 30 de maio de 1925, onde o assassinato de um operário grevista foi o estopim. Houve outras diversas greves, mas as que se destacam foram as greves no setor têxtil, pois esse era o ramo da indústria onde mais se contratavam as mulheres, e que por causa disso, onde os salários eram os mais baixos.⁷¹

A ênfase dos comunistas nos trabalhadores urbanos continuou no decorrer de 1926 e no início de 1927. O Departamento Feminino da aliança PPCh e Guomindang, que no seu apogeu teve um milhão e meio de membros, organizou as greves nas fiações de seda e de algodão e nas manufaturas de cigarros, onde as trabalhadoras mostravam a sua combatividade e não passividade contra as opressões vividas, já que muitas vezes elas utilizavam a violência destruindo máquinas e estragando a produção.⁷²

Nesse momento, a aliança política dos dois partidos resultou em uma maior aproximação entre as estudantes revolucionárias e as operárias, porque a ideia era que as intelectuais despertassem politicamente as trabalhadoras. Ding Ling foi um claro exemplo disso, como uma jovem estudante, privilegiada com o conhecimento acadêmico, ela recrutava as trabalhadoras e fazia parte de suas organizações declarando palavras de ordens anti-imperialistas e feministas.

As principais exigências desses grupos de mulheres eram a redução na jornada de trabalho e o aumento salarial, sendo esses os objetivos das manifestações trabalhistas no geral. E para obtê-las, essas mulheres enfrentavam a polícia, e por causa disso, diversas dirigentes do movimento foram presas e julgadas em tribunais militares.⁷³

O Departamento das Mulheres também era responsável por espalhar as novas ideias sobre a difícil condição feminina junto às Ligas de Mulheres iniciadas no campo. Os objetivos eram múltiplos e se concentravam em: parar com os casamentos arranjados e a compra de noivas; lutar contra o ato de atar os pés das

⁷¹ CHESNEAUX, Jean. **The Chinese Labor Movement**, 1919-1927. Op. cit., p.153-154.

⁷² DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês** (1839-1949). Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006, p. 126.

⁷³ Ibidem, p. 282-230.

moças; garantir o direito das filhas de ter herança e ajudar as mulheres a conquistar o divórcio, se assim for o desejo delas.

Porém, todos os esforços comunistas caíram por terra após a tomada de Chiang Kai-shek, em 1927, do Guomindang e a instauração de sua ditadura pela força do seu intitulado exército branco. Nesse momento as coisas só pioraram para os trabalhadores e a repressão aos comunistas se tornou absurdamente violenta, milhares de trabalhadores morreram e muitas mulheres perderam suas vidas, às vezes, apenas por terem os cabelos curtos, pois a violência de gênero conseguia ser pior do que a violência política. Foi nesse momento que a literatura de Ding Ling ficou mais à esquerda e a autora passou a se intitular comunista, sendo um resultado de sua discordância com tamanha perseguição aos autores e grupos de mulheres os quais ela apoiava.

A partir disso, qualquer tentativa de organização feminina dentro do partido nacionalista foi perseguida e completamente anulada. Song Qingling e outras mulheres saíram do partido nacionalista junto à expulsão dos comunistas de qualquer grupo de aliança. Isso graças também à volta das antigas ideias confucionistas em relação às mulheres na cúpula do Guomindang e a opressão a elas que isso simbolizava. Esse contexto obrigou o PCCh a abandonar a maior parte de suas estratégias nas cidades e partir para o campo, isso nos anos 30 e 40. Além de tornar clandestino qualquer grupo urbano feminino de ajuda na região sob domínio do Guomindang.

O Movimento Camponês⁷⁴ já tinha ganhado intensidade na China central no decorrer de 1926 e 1927, gerando assim a admiração e se mostrando como uma oportunidade para o PCCh, principalmente para Mao Zedong, na época o Secretário Geral da Associação Nacional dos Camponeses. As movimentações eram tão impressionantes que se assemelhavam as insurreições camponesas do passado.

Os objetivos, a princípio, eram: reforma agrária; extinção das dívidas; redução dos impostos, mas, posteriormente, foi-se acrescentando ideias de emancipação feminina como: o fim do processo de atar os pés das meninas; a proibição do casamento forçado; do infanticídio de meninas; da venda de noiva e de

⁷⁴ LEITH, Suzette. Chinese Women in the early Communist Movement, in: YOUNG, Marlyn B. **Women in China: Studies in Social Change and Feminism**, Op. cit., p. 61-63.

mulheres para as casas de prostituição; da tutela absoluta dos sogros com as noras; além de poder haver o divórcio e da possibilidade de participação política das Ligas e Associações de Mulheres.

Logo depois dos comunistas chegarem às aldeias, as mulheres rurais foram organizadas em uma associação separada. Os principais objetivos eram formar uma rede de comunicação e amparar as mulheres com seus problemas conjugais.⁷⁵ Era preciso estabelecer uma união feminina sólida, mas tinham problemas quanto a isso. Elas queriam o divórcio, e se a associação não concedesse, perderia o apoio feminino, porém, se o fizesse, causaria a insatisfação geral dos camponeses homens. Pois era difícil para eles conseguir uma esposa, isso só ocorria depois de juntarem dinheiro durante anos para o dote através de duras jornadas de trabalho. Além de que o número de meninas era bem menor do que o de meninos nas províncias da China devido a infelicidade que representava o nascimento de uma menina nas famílias, agravando assim as dificuldades para eles conseguirem uma boa esposa, um requisito fundamental para garantir prestígio perante os seus contemporâneos.

A propaganda das ideias comunistas de libertação feminina e de reforma agrária era o primeiro ato a se fazer, especialmente nas áreas recém libertadas, era preciso recrutar mais mulheres ao partido. Todavia, o PCCh tinha que vencer dois obstáculos: o conservadorismo do meio rural e a falta de disposição das mulheres para falar com estranhos, além disso, as mulheres comunistas eram mal vistas também no campo, por estarem acompanhadas de homens em viagens sem serem casadas,⁷⁶ um resultado de milhares de anos de separação de gênero. Ou seja, comparadas com as mulheres das fábricas, as camponesas eram mais difíceis de organizar.

Entretanto, todos os esforços de engajamento e recrutamento tiveram êxito ao longo dos anos e dos trabalhos de conscientização, graças também às moças que se engajaram de início que representavam um inédito fenômeno nas zonas e um grande choque cultural. O campo era um ambiente que não tinha exposição aos debates de emancipação feminina que haviam surgido nas cidades, por isso

⁷⁵ WALES, Nym [Helen Foster Snow]. **Red Dust**. Stanford: Stanford University Press, 1952, p. 199-202

⁷⁶ STRONG, Anna Louise. **China's Millions**. Pequim: New World Press. 1965.

mulheres de pés grandes e cabelos cortados simbolizavam inovação e o fim de uma era. Tudo isso demonstra a grande coragem dessas primeiras mulheres libertadas, que além de se libertar ainda percorriam as demais províncias declarando palavras de ordem para a independência das mulheres de suas amarras sociais, e muitas vezes, enfrentando o estranhamento e a desconfiança de homens e das mulheres mais conservadoras.

3 A 'NOVA MULHER' CHINESA

“(...) das minhas pequenas fantasias burguesas eu queria voar alto em um céu totalmente livre, mas diante da realidade sombria da época eu estava fadada ao fracasso, e afundada em um abismo de miséria”.

Ding Ling⁷⁷

3.1 Ding Ling: infância e os seus primeiros anos de arte e participação revolucionária

A ‘Nova Mulher Chinesa’ é um termo tradicionalmente utilizado para descrever a mulher que surgiu a partir da modernização da China. Isto é, para aquela mulher que vai cortar suas amarras dos velhos costumes confucionistas e vai se emancipar através da educação formal e política. Ding Ling, personagem central desse trabalho, é um belo exemplo da ‘Nova Mulher Chinesa’. Ela nasceu em 1904, com o nome Jiang Bingshi, em Hunan, e foi pertencente a uma família nobre, que por gerações esteve entre os oficiais do governo Qing, e que graças a isso, faliu com o enfraquecimento desta dinastia.⁷⁸

Desse modo, pouco a pouco, seu clã influente foi se desintegrando e com os anos acabou declinando. Seu pai, Jiang Baoqi, faleceu quando Ding Ling tinha somente quatro anos, mas antes gastou toda a fortuna da família, o que obrigou a sua mãe, Yu Manzhen, a assumir o controle e o sustento financeiro do lar, fundando e se tornando professora de duas escolas para meninas. Yu Manzhen se educou formalmente aos trinta anos e passou pelo doloroso processo de desamarrar seus pés. Ela foi uma pioneira na luta pela educação formal de meninas, uma espécie de sufragista chinesa.⁷⁹ E com certeza, foi a maior inspiração de Ding Ling, como a própria escreveu em sua breve autobiografia "Minha Vida Como Uma Escritora Chinesa" (1984):

(...) eu tinha uma mãe inteligente. Uma vez que ela se tornou viúva, ela conseguiu libertar-se dos laços do feudalismo da família, lutou para entrar na sociedade e se sustentou ensinando. Ela não só aceitou o conceito de

⁷⁷ DING LING. **My life as a Chinese Writer**. The Iowa Review, Vol.14, No 12: 1984, pp: 9-15

⁷⁸ Ibidem, p.1

⁷⁹ BEYER, John. **Perfil Ding Ling**. Index on Censorship, vol. 9, 1: pp. 35-39. Publicado em: 1 fev 1980.

democracia ocidental, mas também [tinha] uma vaga esperança de uma revolução socialista. Ela muitas vezes me contou suas impressionantes e heróicas histórias. Porque dessas primeiras influências, pude descartar a tristeza que se acumulava em meu jovem coração.⁸⁰

A educação de Ding Ling foi certamente uma exceção à época, pois não era comum uma menina ser mandada para uma instituição de ensino nesse período. O caso é ainda mais impressionante uma vez que sua família é de eruditos da tradição confucionista conservadora, o que mostra a força e o empenho de sua mãe em garantir a sua formação escolar. Seus pés eram grandes, o que lhe assegurava certa liberdade social e motora.

Aos treze anos ela já tinha os seus cabelos cortados, algo que já simbolizava a libertação feminina. Também participava de encontros políticos, liderava manifestações e ensinava matemática fundamental à noite em uma escola de uma localidade empobrecida. Além disso, ela se juntava a outras mulheres de Hunan no saguão do governo provincial onde debatia sobre direitos iguais. Com essa mesma idade, guiou uma delegação de alunos para exigir do Conselho Provisório da província de Hunan igualdade de direitos para as mulheres.⁸¹

Ela participou do Movimento Quatro de Maio (1919) com sua mãe, quando era uma jovem estudante prestes a completar seus catorze anos, o que semeou a semente de sua carreira literária posterior, pois como Ding Ling disse: “esse movimento me ensinou a cuidar do mundo, da condição do povo e do país, e a necessidade de libertar a China dos milhares anos de algemas semifeudais e centenas de anos de colonialismo”.⁸² No ano seguinte, ela rejeitou uma tentativa de sua família paterna de arranjar para si um casamento.

Ding Ling também creditava o seu entendimento do trágico destino do seu povo à decadência de sua família e à sua solitária infância como uma órfã de pai. Ela era afeiçoada à literatura clássica chinesa e lia também obras da literatura europeia do século XIX, pois sentia que elas refletiam o seu tempo e sociedade, além de lhe dar conforto a partir da busca pelo conhecimento.⁸³

⁸⁰ DING LING. **My life as a Chinese Writer**. Op., cit., p. 9

⁸¹ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p. 124.

⁸² Ibidem, p.10.

⁸³ Ibidem.

Posteriormente, com dezenove anos, seu ativismo a levou para fora de sua província natal, Hunan, frequentando, por um curto período de tempo, a Universidade de Xangai e a de Beijing, onde fez amizade com anarquistas, estudantes e pobres escritores, conhecendo também a boemia chinesa dos intelectuais, que anteriormente só era permitida aos homens.⁸⁴ Nesse momento, ela se considerava feminista e anarquista, e desse modo, ela começava a publicar suas histórias iniciais, que expressavam os desafios da emancipação das mulheres, tal como aqueles enfrentados pela protagonista Nora da obra de Ibsen.

Sua obra inicial mais famosa foi “O Diário da Senhorita Sophie”, publicada na antologia “Na Escuridão” de 1928.⁸⁵ A protagonista é uma moça ocidentalizada, assim como o seu nome, que enfrenta a cidade e constantemente se preocupa sobre como uma mulher deve agir, sentir e se comportar. Tais problemáticas foram levantadas durante o Movimento Quatro de Maio (1919), onde havia questionamentos que giravam em torno de como deveria se portar uma mulher sem as amarras do confucionismo.

Nesse período, seus trabalhos giraram em volta do novo papel feminino na sociedade. Como refletiu a escritora Tani E. Barlow (2004):

Os primeiros contos de Ding Ling estavam preocupados com a nuxing [mulher] que não podia falar de si mesmo sem ser coerente de forma significativa. A nuxing [mulher] que tinha dificuldade em estabilizar suas relações eróticas, não apenas porque os parceiros masculinos são decepcionantes, mas também porque o eu feminino é tão difícil de se organizar em primeira instância.⁸⁶

Por isso, essas primeiras obras davam foco nas mulheres e na sua organização adequada para viver em uma sociedade nova e hostil. Para isso, Ding Ling as colocava no centro de suas próprias histórias, como um eu lírico encarregado de contar suas lamentações, auto dirigindo assim suas escolhas e exercendo, de uma forma nunca vista antes, suas vontades.

São contos feministas a partir do momento que mostram a questão da mulher como um problema social. Eles também criticam os homens por expressarem sua masculinidade em uma espécie de sadismo em relação à figura feminina. O erotismo

⁸⁴ BEYER, John. **Perfil Ding Ling**. Op. cit., p. 35

⁸⁵ Ibidem

⁸⁶ BARLOW, Tani E. **The Question of Women in Chinese Feminism**. Durham e Londres: DUke University Press, 2004, p. 132

presente nessas primeiras histórias explora o desejo feminino pelo ser masculino, já que tais sentimentos afligem as mulheres. Dessa forma, a emoção e a vontade feminina retratam significativamente o progressismo feminista. Por outro lado, Ding Ling acusava essas emoções de serem autodestrutivas, pois essas mulheres inflam-se de emoções para depois descobrir que elas atrofiam a própria vontade.⁸⁷

As protagonistas femininas das tramas têm, normalmente, altas expectativas de amor erótico e de vida para as suas circunstâncias, gerando assim mocinhas inconsequentes, pois elas não podem ainda escapar das restrições sexistas do período. Nessas narrativas, as novas mulheres também deixam que suas paixões eróticas diminuam as suas capacidades de querer mudar o mundo, esquecendo do coletivo.⁸⁸

Já que, devido ao caos social da época e à teimosa incoerência de suas personalidades, essas mocinhas não podem simplesmente fazer o que querem, por isso, consequências são impostas para aquelas guiadas exclusivamente pela sua vontade. Elas devem aprender a distinguir entre o sonho e a vida real no decorrer da trama, além de como devem conduzir suas vidas eróticas. Portanto, essas histórias de Ding Ling, escritas no final da década de 20, demonstravam que a individualidade sexual está em torno de comportamentos feios, e o “Diário da Senhorita Sophie” é um claro exemplo disso.

As narrativas, em geral, são em terceira pessoa, com um narrador representando a própria autora, sendo ele um crítico das protagonistas. Por ser mulher, Ding Ling dizia que naturalmente compreendia de forma clara os pontos fracos das mulheres em seus escritos, e por isso, ela não simpatizava com as mulheres dos seus trabalhos, que eram escritas para serem criticadas. Como a escritora fez com Sophie, que fora descrita “como uma categoria de feminilidade que não era vitoriosa ou revolucionária, mas sim, reduzida, arrependida, egocêntrica, auto compassiva e privativa”.⁸⁹

Portanto, a suposta independência feminina trouxe muitas decepções, já que essas mulheres libertadas estavam enfrentando os excessos, a rejeição e os arrependimentos dos seus atos, pois havia apenas as consequências de suas

⁸⁷ BARLOW, Tani E. **The Question of Women in Chinese Feminism**. Op. cit., p. 132

⁸⁸ Ibidem, p.134-135.

⁸⁹ Ibidem, p.150.

decisões a serem enfrentadas, e, acima de tudo, o fracasso dos seus desejos. E essa culpa pertence à nova sociedade que não pôde cumprir com suas promessas feitas, como explica Tani E. Barlow (2004):

Cada e todos os elementos da visão feminista - educação feminina, independência econômica, liberdade para amar, erotização da personalidade, relações de procriação da heteronormatização, higiene sexual, autodeterminação na vida sexual, fusão da vontade e sentimento - acabou sendo mais promessa que libertação.⁹⁰

3.2 Ding Ling: logo após a entrada no Partido Comunista da China (1930)

Em 1927, Chiang Kai-shek, líder absoluto do Guomindang, conseguiu conquistar o apoio dos senhores da guerra e comandou uma verdadeira ditadura, sobretudo, nas regiões centrais e ao sul da China, unificando as diversas forças conservadoras. Eram os chamados nacionalistas, que cometiam execuções em massas e torturas aos comunistas, sindicalistas e democratas⁹¹, o que fez Ding Ling se voltar ainda mais para a literatura de esquerda.

A sua frustração com as temáticas feministas não a fez deixar de lado a luta das mulheres, uma vez que, para ela, as mulheres chinesas eram o futuro da revolução. Por isso, em 1930, Ding Ling e o seu primeiro marido, Hu Yepin, se juntaram ao Partido Comunista da China.

O PCCh teorizou sobre as mulheres minimizando a sua erotização, mas focando na diferença de classes a partir de referências da Rússia Soviética e em textos marxistas da Alemanha. Essas teorias não estavam comprometidas com o erótico, com a vontade, ou tampouco com as emoções ligadas à luxúria. Nesse período, a maior crítica às feministas não marxistas era que elas não liam nada, não faziam nada, apenas proclamavam uma falsa libertação feminina, e ainda eram vistas como intelectuais. Portanto, para os teóricos do partido, incluindo Ding Ling:

A expressão erótica não pode ser tomada literalmente com um objetivo liberacionista generalizado porque não abordava o sadismo masculino, restaurava soberania nacional, oferecia defesa contra os imperialistas, reverte o semicolonialismo ou alivia o sofrimento das populações pobres.⁹²

⁹⁰ BARLOW, Tani E. **The Question of Women in Chinese Feminism**. Op. cit., p.150.

⁹¹ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p. 144-145.

⁹² BARLOW, Tani E. **The Question of Women in Chinese Feminism**. Op. cit., p. 153.

Para o partido, as ativistas da China deveriam considerar em suas pautas os projetos imperialistas da Europa com a China, e para isso, a libertação feminina reivindicava que as mulheres se juntassem à revolução nacional, tendo em vista o contexto semicolonial que se encontravam. Todavia, para essas mulheres engajarem na luta era mais difícil porque todo o sistema semicolonial, confucionista, imperialista tramaram para manter as mulheres em estado de ignorância.

Em 1930, Ding Ling e seu marido fugiram com destino a Xangai para escapar da prisão do violento exército branco. Posteriormente, mas nesse mesmo ano, Ding Ling deu à luz ao seu primeiro filho e escreveu um romance intitulado “Primavera de Xangai”, onde descreve um casal dividido entre a participação na luta revolucionária e o desejo de ter uma vida comum.

Ding Ling não somente advogou a favor do feminino, ela também exigia a união dos autores pela revolução, visto que, considerando o momento político, os escritores não poderiam se privar das discussões. Para isso, ela se tornou ativista na Liga dos Escritores de Esquerda, organização que estava sob as ordens iniciais de Lu Xun. Em 1931, Ding Ling editava uma de suas revistas, “O Grande Mergulhador”. Seus editoriais costumavam aconselhar seus leitores a esquecer deles mesmo para focar unicamente na massa, como ela fez nessa citação: “não deixe que vocês fiquem isolados das massas, não considere vocês como apenas escritores. Lembrem-se, vocês fazem parte das massas, vocês falando por eles, falaram por vocês mesmos”.⁹³

A caça aos vermelhos realizada pelo regime de Chiang Kai-shek tinha resultado na prisão, e mais tarde, na execução de Hu Yepin em 1933 (Figura 1: Ding Ling e seu primeiro marido, Hu Yepin). Logo em seguida, Ding Ling foi sequestrada enquanto conversava com outros comunistas em seu apartamento, passando três anos na prisão. Naquela época, fazer acusações criminais a um escritor devido às discordâncias sobre o seu trabalho era uma prática regular.⁹⁴ Seu filho, Jiang Zulin, ficou sob a guarda de sua mãe, prática comum entre os revolucionários comunistas da época, pois era difícil para uma criança conviver em meio aos constantes confrontos.

⁹³ BEYER, John. **Perfil Ding Ling**. Op. cit., p. 36

⁹⁴ DING LING. **My life as a Chinese Writer**. Op. cit., p.11

Figura 1: Ding Ling e seu primeiro marido Hu Yepin (1926)



Fonte: <https://www.jendow.com.tw/wiki/Ding+Ling>

Mas antes de ser presa, Ding Ling elaborou o seu romance “Mãe”⁹⁵ durante o decorrer dos meses entre maio de 1932 e abril de 1933, em um momento difícil de sua vida, com imensas tragédias pessoais e políticas acontecendo. Provavelmente, ela escreveu-o por dinheiro.⁹⁶ O romance retrata uma jovem viúva, que sai do campo e vai para a área urbana, entrando em um instituto de ensino para meninas, conhecendo assim a irmandade entre meninas e aprendendo como o seu comportamento pessoal e de suas colegas poderiam ser úteis à nação.

A maior peculiaridade da referida obra é a maneira como a autora retrata sua mãe nela, o que vai em desacordo com o que a própria escreveu sobre os escritores políticos pararem de escrever autobiografia e se concentrarem no proletariado pobre

⁹⁵ BARLOW, Tani E.; BJORGE, Gary J. **I Myself Am a Woman**. Selected Writing of Ding Ling. Boston: Beacon Press. 1989, p. 201.

⁹⁶ Ibidem.

tendo em vista o momento vivido. Esta obra também é considerada uma rara retração da libertação da mulher da pequena nobreza.

Lu Xun foi um dos que mais prestaram assistência a Ding Ling, pois a libertação dos presos pelo regime era sua prioridade nesse momento. Em 28 de julho, Lu Xun escreveu “Para Prestar Homenagem a Ding Ling”. Já no dia 1 de agosto enviou uma carta à agência de notícias científica onde disse: “quanto a Ding Ling, nenhuma notícia, na minha opinião foi morta”. Também sugeriu que publicassem “Mãe”, o mais rápido possível nos principais jornais a fim de gerar publicidade ao seu caso.

Ademais, Song Qinling, presidente da Liga de Proteção dos Direitos Civis da China, na época, e viúva de Sun Yat-sen, pioneiro da China republicana, ligou para o presidente executivo Wang Jinwei para pedir ajuda e para seus amigos internacionais que lançaram protestos em solidariedade. Sendo assim, Ding Ling só não foi executada devido a sua fama e pelos simpatizantes de sua causa, que eram influentes personalidades.⁹⁷

Em 1936, após deixar a prisão nacionalista de Nanjing e passar um curto período de tempo na base revolucionária de Xan Pai, Ding Ling chegou em Yan'an durante a Guerra Antijaponesa (Figura 2: Ding Ling em Yan'an).⁹⁸ Essa era a recém-inaugurada área de base comunista ficando no noroeste chinês. Ding Ling teve em sua recepção a presença do próprio Mao Zedong, seu amigo de longa data e conterrâneo da província de Hunan.⁹⁹ No ano seguinte, 1937, ela se casou com Chen Ming, um jornalista e ator.

Em Yan'an, ela trabalhou no ofício de secretária do Oitavo Exército das Rotas, como era chamado o exército vermelho. Posteriormente, foi diretora de uma trupe de teatro que percorria por vilas e cidades espalhando a mensagem de resistência nacional a fim de agregar ao partido a mobilização popular necessária para a retomada chinesa do controle total do país através da guerra de milícias. Ding Ling foi editora da coluna de literatura do Diário de Libertação, onde publicou “No Hospital” e “Quando Eu Estava na Vila Xia”, em 1941, e “Pensamentos de 8 de Março”, em 1942. Também ministrou aulas de Literatura Chinesa na Academia do

⁹⁷ DING LING. **My life as a Chinese Writer**. Op. cit., p. 11

⁹⁸ Ibidem

⁹⁹ BEYER, John. **Perfil Ding Ling**. Op. cit., p. 36.

Exército Vermelho e liderou a Liga dos Escritores. Ocupando assim diversos cargos oficiais importantes, principalmente na direção da Organização de Mulheres a partir de 1949, o ano da proclamação da República Popular da China.¹⁰⁰

Figura 2: Ding Ling em Yan'an (1936-1958)

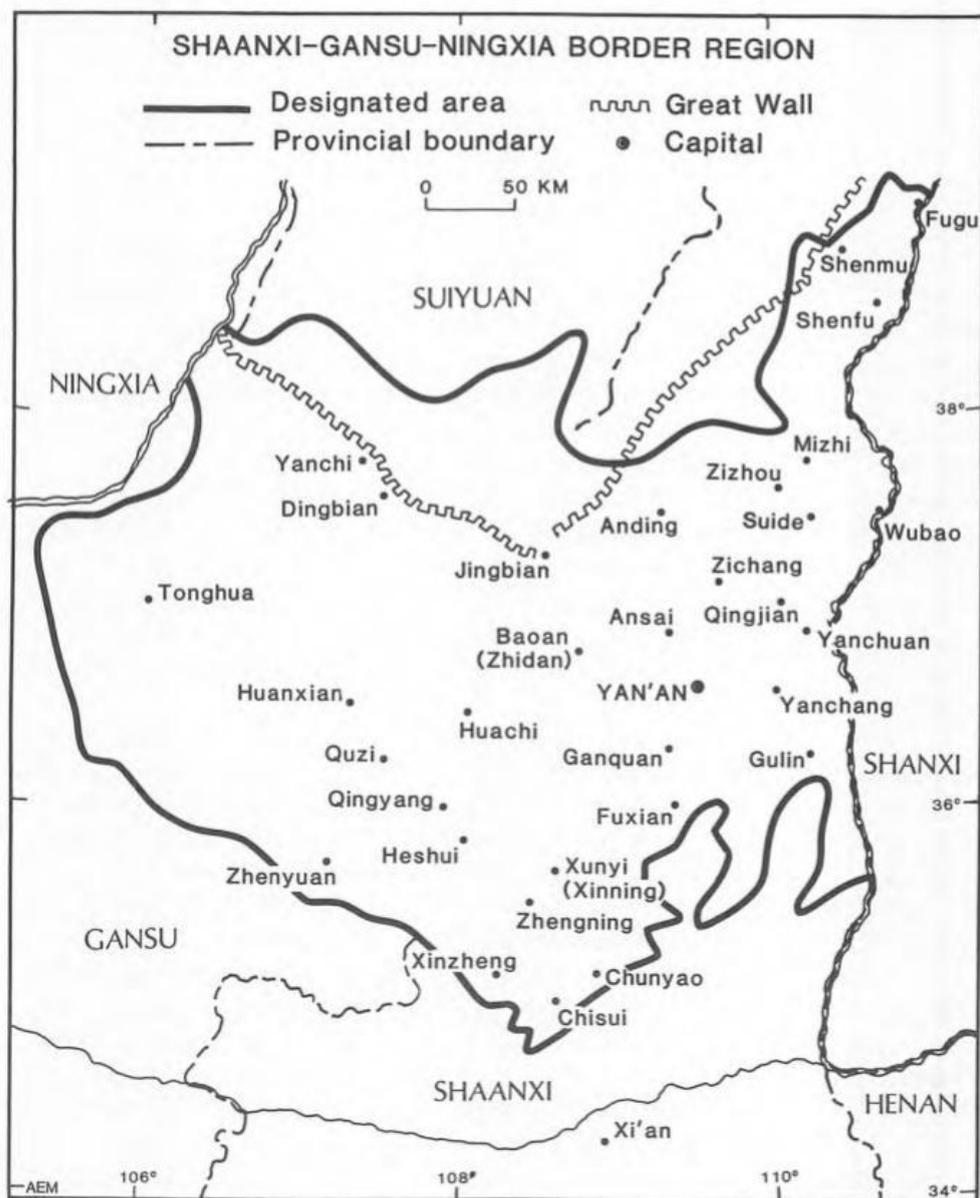


Fonte: BENTON, Gregor. **Introduction to “The Yanan Literary Oppositon”** New Left Review, no 92, jul-ago, 1975

¹⁰⁰ Ibidem, p. 36-37

4 “ESTAMOS NUM MUNDO NOVO COM CAMINHOS NOVOS”

Mapa 2: Mapa da Região de Fronteira Shaanxi-Gansu-Ningxia sob administração comunista com destaque a região de Yan'an, capital administrativa e política até 1949.



Fonte: STRANAHAN, Patrícia. **Yan'an Women and the Communist Party**. Califórnia, EUA: Universidade da Califórnia. 1983.

4.1 As mulheres de Yan'an e as suas reivindicações

Um dos episódios mais tristes da história da China foi certamente a invasão das tropas expansionistas japonesas em 1931, que iniciaram seu domínio avançando através da Manchúria. Sendo assim, a partir de fevereiro de 1932, em Jiangxi, a direção do Partido Comunista da China, utilizou de sua melhor arma: a mobilização camponesa, para declarar guerra contra o inimigo nipônico, concentrando todos os seus esforços nessa luta até a derrota japonesa em 1945.

Inicialmente, o Japão era visto muito mais pelo Guomindang como aliado na luta anticomunista. Contudo, em 1936, houve o Incidente de Xian, quando Chiang Kai-shek foi raptado, fazendo com que finalmente os nacionalistas entrassem na luta pela defesa da nação, se aliando aos comunistas para a criação da Frente Unida Antijaponesa. Portanto, em 1937, se iniciou a Guerra de Resistência Antijaponesa.¹⁰¹

O avanço do exército japonês foi devastador, e no fim do mês de julho de 1937, ele já ocupava Beijing. Os crimes foram logo iniciados durante as primeiras semanas de ocupação, sendo eles autorizados pelas lideranças japonesas. O Estupro de Nanjing¹⁰², em dezembro de 1937, foi o nome escolhido pela imprensa para intitular o saque de Nanjing, onde, entre 200.000 a 300.000 chineses foram massacrados e mulheres e crianças foram estupradas pelos soldados japoneses. O objetivo da nação japonesa era subjugar o território chinês, e suas tropas não pouparam esforços para conseguir isso.

Com o avanço dessas tropas nipônicas na China e o aumento dos seus atos cruéis, ampliou-se o número de refugiados nas zonas de administração comunista, principalmente de voluntários vindos de regiões mais desenvolvidas da nação, uma elite intelectual que no futuro vai debater sobre seu lugar na sociedade chinesa.

Essas zonas libertadas ficavam principalmente no Noroeste da China, além de haver trechos descontínuos em todas as planícies do Norte e em outras regiões. Essas regiões eram conhecidas como 'áreas libertadas', mas oficialmente chamadas de 'regiões fronteiriças', com os nomes das províncias limítrofes postos em seguida. Yan'an é uma cidade capital da região de fronteira Shaanxi-Gansu-Ningxia (mapa 1),

¹⁰¹ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p. 213

¹⁰² CHANG, Iris. **The Rape of Nanking**, Harmondsworth: Pequim 1998.

que desde o fim da Longa Marcha,¹⁰³ em 1936, se tornou a capital também da Revolução Comunista da China (1935-1949), em substituição a Jiangxi, sendo chamada pelos revolucionários de o 'berço da revolução'.

Lá em Yan'an houve reformas nos direitos das mulheres antes vistas apenas com os soviéticos (1931-1937), na região de Haifeng e Lufeng (atual Guangdong), liderados pelo comunista Peng Pai, cujo modelo de sociedade veio a inspirar profundamente Mao Zedong nas futuras áreas libertadas sob o comando comunistas. A Reforma Agrária¹⁰⁴ em Yan'an estava pausada, pois agora os esforços se concentravam em vencer o inimigo japonês. No momento, a política era de redução dos juros e do aluguel de terra, o que já se mostrava ser uma melhoria social importante.¹⁰⁵

Ademais, teve a Lei do Casamento e Divórcio como um marco na luta por justiça para as mulheres, após um passado de tamanha dor para elas, apresentando leis parecidas com as de Jiangxi,¹⁰⁶ sendo um avanço social considerável, uma vez que "o direito das mulheres a se divorciar - 93,5% dos pedidos de divórcios eram feitos por elas - respondia a uma ampla demanda de mulheres vendidas em

¹⁰³ A Longa Marcha foi a retirada da maior parte do exército comunista por causa da invasão das tropas nacionalistas, que depois de cinco campanhas de aniquilação, conseguiu enfim, com apoio da Alemanha nazista e de mais de um milhão de homens, fazer com que as tropas vermelhas se vissem sem poder resistir e partindo de Jiangxi para uma jornada de mais de 12.000 km, com duração de um a dois anos, lideradas por Mao Zedong, Zhu De e Zhou Enlai. Foi uma viagem, em sua maioria, feita através de longas caminhadas enfrentando severas condições geográficas e climáticas do território chinês, além da fome, de diversas enfermidades e dos inúmeros novos ataques das tropas nacionalistas. Entretanto, os soldados tiveram o suporte da população camponesa que fora encontrada pelo caminho durante a maior parte do tempo de deslocamento, ou seja, sem ela seria impossível a conclusão da viagem até Yan'an, província de Shaanxi, em 1935. Conf. DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

¹⁰⁴ A Reforma Agrária aconteceu em todos os territórios de domínio da China Soviética e foi essencial para a transformação social. Ela redistribuía parcelas iguais de terra para todos os moradores, sem distinção de sexo, tampouco de idade. Dessa forma, uma mulher que fizesse parte da luta revolucionária comunista e se envolvesse com a produção agrícola, ou qualquer outra tarefa importante na região, teria direito à mesma terra produtiva que teria um homem. *Ibidem*.

¹⁰⁵ CHESNEAUX, Jean. **China**. A Revolta dos Camponeses (1840-1949). Op. cit. p. 150

¹⁰⁶ O Regulamento Provisório sobre o Casamento de 1931, decidido na Primeira Assembleia do Comitê Central Executivo da República Chinesa Soviética foi um conjunto de leis bastantes progressistas que regia o casamento e o divórcio, nelas estavam determinadas a proibição da compra e venda de esposas, assegurava a maioria para casamento e o consentimento de ambos os noivos e proibia a poligamia. Em caso de divórcio, o sustento das crianças recaía ao marido mesmo que a guarda seja materna, pois era ele que tinha melhores condições sociais e físicas para isso, e ademais, não havia colocação de empecilhos para os casos de divórcio. *Ibidem*.

casamentos e sujeitas a maus tratos costumeiros: razão invocada em 81% dos casos." ¹⁰⁷

Entretanto, o partido temia que a liberdade feminina de procurar o divórcio poderia prejudicar os maridos, sendo eles, na maioria das vezes, pobres camponeses que passaram anos trabalhando para comprar uma esposa, assim fazendo dela uma conquista financeira. Esses homens também eram um apoio essencial para as práticas do partido. De fato, era comum a acusação entre a população de que o partido estava incitando brigas familiares ao promover o divórcio. Por isso, quando as lideranças do partido tomaram consciência que seu programa de libertação das mulheres conflitava com suas metas de resistência à guerra e controle regional, foi a hora de buscarem uma política mais praticável para aquele período.

Desse modo, o Partido Comunista da China regrediu com suas promessas de maior emancipação feminina, as quais foram feitas no governo de 1931, com os Regulamentos de Casamento de Jiangxi, que prometiam o divórcio sem restrições. Foram três artigos jurídicos publicados pelo partido no período que Mao estava com base em Yan'an, em 1939, 1944 e 1949, e a partir deles pode-se ressaltar as mudanças políticas que ocorreram naquele momento. O PCCh continuou afirmando sua posição a favor da monogamia e contra a compra e venda de noiva, porém, restringiu a possibilidade das mulheres de pedirem o divórcio. ¹⁰⁸

Outro fator para essa situação foi a visão das lideranças do partido, majoritariamente masculinas, de somente emancipar as mulheres à medida que elas fossem incluídas nas lutas de classes que estavam em foco no contexto revolucionário, ou seja, os direitos femininos só seriam considerados no que se referia à agenda política.

Nesse momento, Ding Ling estava no ápice do seu modesto poder político. Além dela ser um quadro do governo dentro do PCCh e um dos mais importantes e conhecidos líderes culturais, ela também era uma das protagonistas no esforço do partido de controlar toda e qualquer expressão literária durante este período.

¹⁰⁷ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Op. cit., p. 236

¹⁰⁸ STRANAHAN, Patrícia. **Yan'an and the Communist Party**. Califórnia: University of California, 1983.

Todavia, Ding Ling fez uso da sua posição como escritora célebre, mas, sobretudo, como membro sênior do PCCh, para fazer críticas às falhas, consideradas por ela, da liderança do partido na busca pela emancipação das mulheres.

Ding Ling deixava claro que as mulheres de Yan'an eram mais livres e felizes em comparação com aquelas em outras partes da China. Em domínio dos nacionalistas, onde a época do Movimento Nova Vida pregava a restauração da cultura tradicional chinesa e tudo que ela representava para as mulheres; ou dos estrangeiros, com todas as suas intenções imperialistas. Realmente, em território libertado e de administração comunista, as mulheres tinham direitos somente vistos na época anterior dos soviets (1931-1937), participando ativamente dos "comitês de camponeses, na ação das guerrilhas, nas campanhas de produção, e [posteriormente] constituíram os seus próprios agrupamentos, [e] uniões femininas".¹⁰⁹

Também é fato que havia mulheres sendo quadros no Partido Comunista da China, se ocupando principalmente de assuntos e acerca de pautas consideradas de caráter femininos, essencialmente sobre a organização e liderança de outras mulheres. Entretanto, não havia muitas mulheres no comitê central do PCCh, devido, principalmente, a duas questões essenciais: o sexismo, que ainda restava, e a realidade revolucionária de guerra.

Existiam escolas femininas nas zonas libertadas com propostas de ensino para liderar, no entanto, voltadas apenas para a liderança das próprias mulheres. Grande parte das estudantes dessas escolas eram meninas já intelectuais não comunistas recém-chegadas de fora das zonas comunistas na preparação para encarar o trabalho na revolução, elas tinham entre quatorze e quarenta e um anos.¹¹⁰

A força de trabalho feminina na guerra era melhor aproveitada de outros modos. Elas estavam envolvidas em papéis de apoio aos soldados armados: como médicas e enfermeiras, na propaganda do partido em outras áreas, na organização de cooperativas, ensinando o básico de alfabetização, na coleta de informações para uso militar, e também no apoio logístico, nutrindo, hospedando e escondendo as tropas. Salva eram as exceções de mulheres armadas nas milícias, ou em alguns

¹⁰⁹ CHESNEAUX, Jean. **China**. A Revolta dos Camponeses (1840-1949). Op. cit., p. 155.

¹¹⁰ SNOW, Edgar. **Red Star Over China**. Nova York: Grove Press, 1961.

casos, para a sua própria proteção e dos seus companheiros nos confrontos de guerrilhas.

Um das dificuldades enfrentadas era convencer as mulheres rurais a votar para representantes das vilas, o que era primordial para fazê-las perceber que o governo as considerava iguais aos homens, dando os mesmos direitos para ambos os sexos. A lei garantia que as mulheres tinham 25% das cadeiras reservadas na Assembleia Representativa do Povo, posteriormente essa porcentagem subiu para 30%.¹¹¹ Também era difícil fazer com que elas participassem das escolas femininas, muitas ainda as viam como sem importância, se ocupando com outras questões do lar, foi preciso bastante tempo para mudar esse contexto tão tradicionalista.

Ademais existia o insucesso, de início, de pôr fim aos casamentos arranjados e aos pés atados, já que poucas famílias estavam dispostas a deixar seus filhos escolherem seus cônjuges e de abrir mão de uma nora com os pés pequenos. Portanto, foi um longo processo com leis e educação do campesinato, mas sem soluções duras por parte do partido, talvez, para evitar discussões firmes sobre o velho e o novo e também para garantir o apoio dessa população ainda tão amarrada aos antigos costumes.

Para mudar isso, lideranças locais continuamente reforçavam a ilegalidade dos costumes de amarrar os pés, e incentivavam as mulheres a desamarrar os seus pés em um centro de saúde. O Departamento de Propaganda e as instituições de ensino mostravam os malefícios das velhas práticas ligadas ao matrimônio. E os jornais publicavam histórias de casamentos bem-sucedidos de livre escolha entre os noivos, porque a crença era que se o casamento fosse feito desse modo a violência doméstica tenderia a diminuir.

Mas, no início dos anos 40, Ding Ling narrou a partir dos seus escritos duas histórias bastantes marcantes por abordarem temas difíceis para a época: “No Hospital”, de 1940, e “Quando Eu Estava na Vila Xia”, escrita no final de 1940, mas somente publicadas em 1941. As duas histórias criticam com vigor a política social para com as mulheres. Devido a isso, essas não foram obras elogiadas pelas lideranças do partido, pois ambas se referem a duas mulheres que sofreram por

¹¹¹ HO, Kuo-cheng. **The status and the role of women in the Chinese Movement**, 1946-1949. Indiana University, 1971.

causa de sua participação revolucionária, com sua lealdade à causa resultando na sua exclusão social por parte de um campesinato frio e ainda preso às velhas tradições.¹¹²

Em “No Hospital”,¹¹³ a personagem principal, Lu Ping, é uma paciente em um hospital mal administrado e sem o devido empenho dos seus funcionários para o seu bom funcionamento. O que a força, mesmo estando enferma, a ajudar e a conduzir os trabalhos na instituição de saúde, porém, nada do que ela realizava conseguia fazer com que ela fosse vista num papel de liderança pelos empregados, ou por outros pacientes, porque, afinal de contas, ela estava ali para ser cuidada, não para cuidar. Uma clara alusão ao papel social da mulher, que dificilmente era notada como líder, ou mesmo, como uma participante ativa da revolução.

Já em “Quando Eu Estava na Vila Xia”,¹¹⁴ Ding Ling narrou a vida de Zhenzhen, uma moça estuprada e raptada pelos inimigos japoneses, mas que após escapar das mãos dos seus malfeitores, é convencida pelos quadros do partido a retornar com o objetivo de coletar informações valiosas para o exército comunista. Porém, depois de cumprir sua missão, sua volta não foi festejada, já que ela é desprezada pelos seus antigos vizinhos por não respeitar os códigos de conduta referentes à castidade esperados para uma dama na época. Desse modo, em momento algum seus esforços foram reconhecidos e seus sacrifícios tampouco. Com isso, Ding Ling crítica o partido pela sua falta de apoio às mulheres após explorá-las em favor da causa revolucionária.

Contudo, a repercussão dessa obra foi tão grande que a autora teve que publicar um relato de como ela concebeu a história, explicando que ela nunca tinha conhecido alguém como Zhenzhen, muito menos tinha ido a uma aldeia que se assemelhasse de algum modo com Xia. Ela também disse que sua história foi baseada num relato de um amigo distante. Essa obra perturbou os aplicadores da política literária do PCCh, porque representou uma preocupação de Ding Ling com a castidade e a justiça, e por também colocar uma mulher em busca de reparação social como protagonista. Uma moça em busca da própria autonomia e que deseja

¹¹² BEYER, John. **Perfil Ding Ling**. Op. cit., p. 36.

¹¹³ DING LING, **In the Hospital**. Index on Censorship, vol. 9, 1, pp. 39-41. Publicado em: 1 fev, 1980.

¹¹⁴ BARLOW, Tani E.; BJORGE, Gary J. **I Myself Am a Woman**. Selected Writing of Ding Ling. Op. cit., p. 298.

se libertar dos relacionamentos que a reduzem à vitimização, sobretudo, do Estado e da família, que constantemente a rótula. Enquanto a protagonista tentava entender como, dali em diante, a trágica situação vai ressignificar sua vida como mulher.

É importante ressaltar o quanto esse período foi importante para a luta antijaponesa. Visto que no ano de 1941, o Japão, impressionado com o crescimento das forças comunistas, iniciou a sua política de 'queimar tudo, matar tudo, pilhar tudo' por todo o território chinês, mas, principalmente, nas áreas já libertadas pelo Partido Comunista. Trazendo assim ainda mais caos por onde passava com seus objetivos imperialistas de subjugar a China.¹¹⁵

Nesse mesmo ano, o Guomindang ordenou ações a favor dos japoneses e desfez os acordos com o seu partido rival, retornando com seus ataques mais ofensivos. Ataques esses que nunca cessaram completamente, mesmo durante a aliança imposta à Chiang Kai-shek para a criação da Frente Unida Antijaponesa.

O número de refugiados para as zonas libertadas sob comando comunista também cresceu muito nesse período. Eram pessoas de diversas classes sociais e de diferentes partes da China, ou seja, pessoas com bagagens culturais distintas fugindo para as regiões onde havia um grande empenho de combater à violência cometida pelos nacionalistas e estrangeiros. Elas desejavam incorporar-se ao movimento antijaponês, e assim, traziam novos recursos humanos e financeiros para a causa, mas que resultavam também em problemas ideológicos, políticos, militares e econômicos.

Como revela Waldimir Pomar (2003):

A maioria delas não havia passado pela experiência da guerra civil, nem da Grande Marcha. Apresentava visões diferentes a respeito da Guerra de Resistência, muitos considerando desnecessárias políticas diferentes, desde que se estabeleceria a aliança com o Guomindang. Diversificaram-se as opiniões a respeito dos métodos de direção, democracia, assuntos militares, cultura, trabalho econômico e outros temas.¹¹⁶

Dessa forma, era vital para a sobrevivência da revolução a mobilização das massas e a unificação das políticas em torno da Guerra de Resistência de 1941, sobretudo após as perdas com as ofensivas de destruição cometidas pelas tropas japonesas. Com esse propósito ocorreu o Movimento de Retificação, de 1942, que

¹¹⁵ POMAR, Waldimir. **A Revolução Chinesa**. Op. cit., p. 62.

¹¹⁶ Ibidem, p. 66.

tinha como objetivos, entre outros, retificar o estilo de estudo, as relações internas e externas e o estilo de literatura.¹¹⁷ Uma vez que o discurso de Mao Zedong no fórum de Yan'an, no mesmo ano, deixou claro o compromisso do partido com a utilização da literatura e das artes como meio para a união das regiões sob o seu comando.

O propósito da nossa reunião hoje é precisamente assegurar que a literatura e a arte se encaixem bem em toda a máquina revolucionária como parte integrante, que funcionem como armas poderosas para unir e educar o povo e para atacar e destruir o inimigo, e que ajudem o povo na luta contra o inimigo com um só coração e uma só mente.¹¹⁸

Durante esse contexto de repreensão que se inicia, a crítica mais notável de Ding Ling foi em forma de artigo no Diário de Libertação, intitulado “Pensamentos em 8 de Março”,¹¹⁹ que ela publicou no dia 9 de março de 1942, após longas reflexões, visto que ela escreveu-o em 3 de agosto de 1941 e o guardou até março do ano seguinte para ser publicado no dia posterior às celebrações do Dia Internacional da Mulher. Foi nesse escrito que Ding Ling questionou o compromisso e a capacidade do partido de alterar as condutas populares, principalmente as dos homens em relação às mulheres, além de culpar o partido por não proporcionar condições sociais para acomodar as mulheres trabalhadoras progressistas no Departamento de Mulheres.

Ela abordou também as altas expectativas que tinham quanto à mulher emancipada e participante da causa revolucionária, pois, apesar dos líderes não esperarem grandes funções ativistas das mulheres, continuavam insistindo na participação política delas e na manutenção das obrigações e dos papéis femininos e tradicionais na família.

Dessa forma, as mulheres encararam contradições insolucionáveis, uma vez que ao casarem e terem filhos, eram motivos para críticas por não estarem politicamente envolvidas o suficiente com as atividades em prol da revolução, ou seja, se ficassem em casa eram ridicularizadas por ficarem para trás na sua completa emancipação. Mas se elas não se casarem também poderiam ser vítimas de julgamento, dado que a maioria da população de Yan'an ainda acreditava que

¹¹⁷ Ibidem, p. 67.

¹¹⁸ MAO, Zedong. **Selected Works of Mao Tse-tung**. Volume 3. Marxists, 2004. Disponível em: https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-3/mswv3_08.htm. Acessado em: 06 maio 2023.

¹¹⁹ BARLOW, Tani E.; BJORGE, Gary J. **I Myself Am a Woman**. Selected Writing of Ding Ling. Op. cit., p. 316.

todas as pessoas deveriam se casar e ter filhos. Por outro lado, se elas deixassem as crianças em creches ou contratassem babás eram acusadas de serem péssimas mães.

Devido a isso, muitas mulheres, ou faziam aborto e permaneciam sem filhos ou acatavam a pressão e ficavam de vez em casa, porém, não importava a decisão elas nunca estavam agradando a todos. Além disso, todas as soluções encontradas poderiam ser motivadoras do divórcio pedido pelos maridos que, ou discordavam em não ter filhos, ou não queriam uma esposa atrasada politicamente. Portanto, como a própria Ding Ling escreveu acerca do dilema do trabalho doméstico feminino e a vida política exigida no referido artigo de 1942: “elas [as mulheres] são sobrecarregadas de trabalho; exige-se delas que preencham um duplo papel, e são criticadas se não conseguem fazê-lo”.¹²⁰

As soluções possíveis para o partido se dividem em três, de acordo com Ding Ling: menos conversa fiada e mais discussões sérias acerca das problemáticas importantes de ser mulher; incentivo ao auto cultivo; e ademais, fazer com que as mulheres se sintam capazes de fazer atividades além das suas casas. Já para as mulheres, ela sugeriu se fortalecer internamente, isto é, o auto cultivo, e unir-se umas com as outras para elevar seus status. Tais afirmações indicam uma reivindicação da mulher como uma categoria de classe distinta, a parte da categoria do proletariado, exatamente o contrário daquilo defendido pelo partido. Mas, ainda assim, a população de Yan'an não conseguia aceitar em sua totalidade a ideia de igualdade de homens e mulheres, isso se pode culpar aos milênios de uma cultura de separação extrema dos gêneros femininos e masculinos.¹²¹

As mulheres também tinham outras dificuldades em participarem do Departamento de Mulheres, uma vez que, além de terem que enfrentar seus maridos que se viam em risco com as discussões libertárias feitas nas reuniões, elas ainda tinham que sofrer com as intrigas e as difamações que se espalharam por elas estarem conversando com outros homens que não eram seus maridos, mesmo que tais conversas estivessem envoltas de temas políticos. Portanto, era difícil para as mulheres camaradas de luta participarem de forma ativa da política ao mesmo tempo que permanecem com a sua reputação de dama intacta, algo essencial,

¹²⁰ DING LING. **Thoughts on 8 March (Women's Day)**. *New Left Review*, no 92, jul-ago, 1975.

¹²¹ *Ibidem*.

principalmente se elas forem solteiras, por isso, muitas deixaram a participação política de lado.¹²²

Portanto, o artigo de Ding Ling “Pensamentos de 8 de Março” revelou problemas que o partido desconhecia a existência ou não fazia ideia de como solucioná-los. Era difícil para as lideranças chegarem perto dos problemas, porque, apesar de nomearem funcionários e funcionárias do partido para investigar as problemáticas acerca da situação das mulheres, eles tinham medo por suas carreiras de fazer críticas às falhas da conduta política do PCCh.¹²³ Por isso também, Ding Ling impressiona, mesmo não sendo a única mulher a criticar o partido, ela instituiu uma onda sem precedentes de críticas públicas à conduta do PCCh, dado que outros artigos tão ríspidos quanto os dela também foram publicados no período posterior.

Todavia, Mao Zedong e outras lideranças do comitê central do partido não receberam bem as críticas públicas dos quadros do partido de nível consideradamente inferior, levando em conta o período do Movimento de Retificação (1942-1945). Ding Ling conseguiu escapar das duras punições após receber críticas leves. Na reunião de 11 junho de 1942, ela confirmou que seu artigo foi extremamente ríspido, entretanto, ela se recusou a dizer que mentiu na publicação, disse somente que teve uma visão desequilibrada do problema e unilateral, apontando apenas as facetas negativas da situação, sem comentar o futuro brilhante que estava por vir para a nação como um todo.¹²⁴

Os líderes do partido ficaram profundamente abalados com as críticas que foram surgindo, as acusações foram diversas, no entanto, a solução encontrada por eles foi a de atacar os quadros femininos, acusando-as de serem incapazes de provocar as mudanças sociais. Para isso, foi publicado um artigo conclusivo onde denunciava que o empenho dos quadros femininos era baixo, e que elas não foram capazes de organizar todas as mulheres, não se aprofundando na política, dizia também que as mulheres associadas não tinham se libertado por completo, e devido a isso, não poderiam dar o exemplo. Contudo, o artigo também criticava os

¹²² Ibidem.

¹²³ FEUERWERKER, Yi-tsi. **TING LING**. Ting Ling's When I Was in Sha Chuan (Cloud Village). Signs, vol.2, no.1, 1976, pp. 255-279.

¹²⁴ STRANAHAN, Patrícia. **Yan'an and the Communist Party**. Op. cit., p.57.

homens que ainda não enxergavam as mulheres como iguais, pois mesmo os homens mais progressistas ainda tinham dificuldade em trabalhar ao lado de mulheres.¹²⁵

Além disso, as lideranças do partido emitiram uma declaração formal em fevereiro de 1943 que declarava que a emancipação feminina só viria através da participação das mulheres na produção. O partido fazia um apelo para engajar as mulheres na produção, para assim, também incorporá-las na sociedade, trabalhando lado a lado com os homens. Essa também foi uma resposta direta do partido à terrível situação econômica enfrentada a partir de 1940 e agravada com a campanha japonesa de 'queimar tudo, matar tudo, pilhar tudo' iniciada no ano seguinte.

Mao Zedong, atormentado com o artigo Ding Ling e com sua repercussão, reformulou outras questões da vida em Yan'an, incluindo a reforma do casamento e do divórcio. Após o fim da Frente Unida Antijaponesa, no ano de 1940, o divórcio só poderia acontecer após um período de tentativa de conciliação entre o casal, onde os familiares e os vizinhos serviriam como conselheiros, já que ainda o divórcio era reprovado socialmente, principalmente pela família do marido que poderia perder uma fonte de renda na casa, a qual tinha pago caro anteriormente para ter.¹²⁶

Com a rendição dos japoneses na Segunda Guerra Mundial, em 1945, a atenção do PCCh se volta para as negociações com o Guomindang, nesse momento, a guerra civil estava em iminência de voltar de modo intenso. Em 1946, a Reforma Agrária foi retomada para intensificar o apoio camponês. No ano de 1947, o Guomindang lançou sua ofensiva contra Yan'an sinalizando sua vontade de levar a guerra até o fim. Contra 230 mil homens, as tropas comunistas se retiraram e o quartel general do PCCh foi ocupado juntamente às pequenas cidades da área.¹²⁷

Entretanto, o objetivo de destruir o comando comunista falhou, pois mesmo retirados de sua capital, foi iniciada a contraofensiva. No ano seguinte, as tropas causaram mais de 100 mil baixas no exército nacionalista que acabou sendo expulso. Os enfrentamentos se estenderam pelos anos seguintes, o Guomindang estava perdendo muitos de seus soldados e generais, não apenas pelos combates, mas também pela evasão deles que trocavam de lado simpatizando com as ideias

¹²⁵ Ibidem, p. 58.

¹²⁶ STRANAHAN, Patrícia. **Yan'an and the Communist Party**. Op. cit., p. 108.

¹²⁷ POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa**. Op.cit, p. 79.

comunistas. No dia 1 de janeiro de 1949, Chiang Kai-shek já demonstrava indícios que gostaria de retornar com as negociações de paz.¹²⁸

No entanto, após o Acordo de Paz Interna ser rejeitado por Chiang Kai-shek, todos os exércitos se preparavam para a última ofensiva armada.

Os 1º, 2º e 3º Exércitos de Campanha atravessaram o Rio Yang-tse-kiang numa frente de mais de 500km, ocupando Nanjing e seguindo rumo ao sul. O 4º Exército de Campanha força o médio Yangtse numa frente de mais de 100km, a leste de Wuhan, avançando para sudoeste. Em 1º de outubro de 1949, na Praça da Paz Celestial (Tianamen), Beijing, Mao Zedong proclamou a República da China.¹²⁹

Portanto, a década de 1940 foi marcada pela baixa prioridade nas discussões em torno das problemáticas da emancipação feminina em comparação com a mobilização do campesinato para a revolução e das mulheres na produção. No entanto, mesmo assim, Ding Ling deu continuidade nas suas declarações acerca dos papéis duplicados exigidos para com as mulheres e sobre a exploração feminina em benefício da revolução retratada nas suas obras. A comoção de suas obras gerou uma onda de novos autores a confrontar as expectativas de vida que foram impostas, pois, Ding Ling, não somente defendia os direitos das mulheres, mas também a liberdade e autonomia dos escritores para expressar suas infelicidades com a sociedade.

Todavia, apesar das críticas de Ding Ling e de outros autores, as regiões administradas pelos comunistas eram as mais progressistas quanto aos direitos das mulheres, ainda que haja desafios restantes a serem superados, como escreveu Patrícia Stranahan (1983):

Em 1947, embora a maioria das mulheres na Região de Fronteira ainda não fosse igual aos homens, as sementes da mudança estavam plantadas. Embora as mulheres camponesas não ocupassem cargos nos níveis mais altos do partido ou do governo, elas eram ativas no governo local, que era o nível que as afetam diretamente. Embora ainda fossem vítimas dos costumes feudais, elas sabiam que o governo proibia o casamento arranjado e que poderia recorrer às autoridades em busca de ajuda.¹³⁰

Consequentemente a problemática era que ao longo dos anos foi preciso adaptar os objetivos marxistas às necessidades reais da população, sempre em oposição aos velhos costumes semifeudais que ainda se faziam presente. Nesse

¹²⁸ Ibidem, p. 81.

¹²⁹ Ibidem, p. 82.

¹³⁰ STRANAHAN, Patrícia. **Yan'an and the Communist Party**. Op. cit., p 109.

momento, o ideal das lideranças era adaptar as orientações e ideologias a fim de atrair homens e mulheres para trabalhar em conjunto na produção com o intuito de elevar o status das mulheres, enquanto levava a sociedade chinesa ao socialismo.

Apesar disso, quando reconheciam que seu programa de emancipação de mulheres ia contra seus objetivos maiores de resistência à guerra e controle do campesinato, os líderes do partido buscavam uma política mais viável, mesmo que ela sacrificasse algumas conquistas dos direitos das mulheres. Contudo, nunca foi abandonada totalmente a causa da libertação feminina.

4.2 Da expulsão (1958) à reabilitação (1979) de Ding Ling

Os discursos feitos por Mao Zedong no fórum de Yan'an, em maio de 1942, sobre literatura e arte, mostraram que o partido não queria que os seus escritores seguissem suas próprias consciências, o que Ding Ling sugeria a ser feito principalmente pelas mulheres. Esse ano é marcado por intensos conflitos armados, cuja mobilização popular ao partido mostrava-se indispensável para a vitória e sobrevivência das tropas, principalmente contra o inimigo nipônico.

Diante disso, os autores deveriam retratar a vida como o PCCh gostaria que ela fosse vista, sem expor o lado sombrio da sociedade, mas sim, o lado brilhante e de exaltação da massa.¹³¹ Esta seria a verdadeira literatura nacional, capaz de capturar o imaginário do campesinato. Ding Ling, nesse período, já tinha publicado "Quando Eu Estava na Vila Xia" (1940), "No Hospital" (1941) e "Pensamentos de 8 de Março" (1942), três obras já descritas anteriormente que criticavam fortemente as políticas do partido para as mulheres e a sociedade de Yan'an como um todo. Portanto, as críticas em suas histórias e artigos, e seu incentivo à liberdade de opinião dos escritores, ocasionaram no seu rebaixamento a repórter e na descontinuação de sua coluna de literatura no Diário de Libertação.

Um desses escritores alvo do partido foi Wang Shiwei. Assim como Ding Ling, ele era um autor ativo na revolução desde meados dos anos 20, ingressando no partido em 1926. Em 1942, Wang Shi Wei escreveu o ensaio "Lírios Selvagens", onde elaborou críticas aos privilégios de uma elite política que estava se formando, que recebia salários e alimentos discrepantes da realidade, responsabilizando

¹³¹ CHESNEAUX, Jean. **China**. A Revolta dos Camponeses (1840-1949). Op. cit., p. 156.

também alguns desses grandes homens pelo ‘crescimento do lado sombrio’ de Yan’an, que incluía a suspensão da liberdade de expressão e o crescimento da alienação da juventude estudantil.¹³²

Tais declarações causaram reações negativas nas lideranças do partido, e por causa disso, em 27 de maio de 1942, houve seu julgamento pelo Comitê Central, liderado por Mao Zedong. Em 23 de outubro de 1942, Wang Shiwei foi expulso do PCCh com acusações de ser trotskista. Mas havia rumores que Wang foi um bode expiatório por duas razões: por ele ser o menos conhecido dos escritores, e por isso, era o menos provável de gerar simpatia do público; e em segundo lugar, porque ele era o mais crítico dos escritores às lideranças da sociedade de Yan’an. De fato, ele foi um dos autores perseguidos pelo Movimento de Retificação de 1942.

Depois do seu julgamento, Wang foi enviado para trabalhar em uma fábrica de caixas de fósforo em Yan’an. Contudo, alguns anos depois, em 1947, ele foi morto, baleado pelas forças de segurança do partido.¹³³ Ding Ling escapou temporariamente das duras punições iniciadas, mesmo com seus artigos sendo considerados extremamente feministas, por ter cedido mais facilmente às pressões exercidas pelo PCCh aos escritores e rapidamente ter se retratado, e por sua amizade com o alto escalão do partido.

Mas, neste período, Ding Ling anunciou sua expulsão da diretoria da Liga dos Escritores, e no seu jornalismo, renunciou à escrita criativa. Logo ela voltou a escrever no estilo de propaganda que havia se habituado durante a sua participação na equipe dramática quando ainda era uma recém-chegada em Yan’an. “Tian Baolin” é uma peça que faz elogios ao líder de uma cooperativa de agricultores, tal feito lhe garantiu um convite para jantar com Mao Zedong. Mas ainda havia dificuldades em acertar suas pretensões literárias com as expectativas do partido quanto às suas obras. Seu escrito de 1946 (ano de retomada da Reforma Agrária), “O 109º e a Área Jin Ji Yu”, foi criticamente analisado pelo comando e censurado por ridicularizar os nacionalistas, que eram aliados temporários do partido durante a encerrada Guerra Antijaponesa e que inicialmente estavam tentando se conciliar. Ding Ling protestou,

¹³² BENTON, Gregor. **Introduction to “The Yanan Literary Oppositon”** New Left Review, no 92, jul-ago, 1975. p. 2.

¹³³ Ibidem.

no entanto, foi alertada que seu trabalho deveria estar em conformidade com a política do partido para os escritores.¹³⁴

O livro “O Sol Sobre o Rio Sangkan”¹³⁵ foi a grande obra prima de Ding Ling no período, nessa obra ela realizou com sucesso a fusão entre suas iniciativas e a doutrina partidária, se tornando o padrão elogiada pelo partido para os escritores posteriores. O romance foi feito durante os seus difíceis meses entre 1946 e 1947 como observadora de uma reforma agrária realizada em diferentes partes da província de Hebei. Contudo o livro apenas foi publicado em 1948, em meio à guerra civil entre o Guomindang e o PCCh, a qual havia sido retomada alguns meses após a rendição japonesa, em 1946, e que foi encerrada somente em 1949, no mesmo ano de fundação da República Popular da China.

Seus personagens, em “O Sol Sobre o Rio Sangkan”, têm falhas humanas, inclusive os coordenadores comunistas das ações, como no exemplo a seguir. Eles, a princípio, não sabiam teorizar quais eram os donos de terra ricos o suficiente para terem suas propriedades repartidas entre os mais miseráveis. Entretanto, no fim, teorizaram como proprietário fundiário aquele fazendeiro que tirava a sua principal renda de terras arrendadas, e não do seu trabalho braçal,¹³⁶ fazendo assim a Reforma Agrária bem-sucedida na visão do seu partido autor. Em 1951, esse livro ganhou o Prêmio Stalin de Literatura, o que lhe trouxe maior prestígio e fama internacional.

Nesse período, Ding Ling estava engajada também em uma sequência de publicações nos anos iniciais da República Popular e nos comitês editoriais das duas principais revistas de literatura: o “Diário Literário” e a “Literatura do Povo”. Participou também de vários órgãos de literatura e em conferência nas cidades de Budapeste, Moscou e Paris. Além de chefiar a seção literária no Departamento de Propaganda do Comitê Central, sendo diretora do Instituto Central de Pesquisa Literária. Ding Ling, temporariamente, estava em paz com o partido, entretanto, sua posição de poder e prestígio já havia influenciado a nova geração de escritores chineses, o que preocupava o PPCh, apesar dela também ter condenado aqueles

¹³⁴ BEYER, John. **Perfil Ding Ling**. Op. cit., p. 38.

¹³⁵ TING LING. **Sol sobre o Rio Sangkan**. Ed. Vitória LTDA: Rio de Janeiro, 1956.

¹³⁶ Ler SNOW, Edgar. **Red Star Over China**. Op. cit., p. 258.

que o partido desaprovava, como fez com Wang Shiwei, uma vez que foi ela que anunciou sua expulsão o denunciando de ser trotskista.¹³⁷

Ela fez algumas palestras sobre literatura nos anos 50, porém, acerca do processo criativo, não mais sobre o estudo do Marxismo. Ela sabia a necessidade desse estudo, sobretudo, sobre políticas e diretrizes, no entanto, nesse momento ela focava em favorecer o criador individual e suas angústias. Para isso, era preciso vincular o Marxismo à experiência do autor e assim deixá-lo livre.

Foi em 1953 que teve início a implementação do Primeiro Plano Quinquenal, o qual tinha como grande objetivo a instalação de grandes complexos industriais, isto é, a industrialização em massa do país. Nesse período, o bloqueio econômico das principais potências mundiais e a fraqueza da União Soviética, que enfrentava a Guerra Fria e tinha suas próprias questões para lidar, impediam o ganho de crédito. Por isso, a industrialização só poderia acontecer com o financiamento pelo trabalho em excesso dos camponeses e operários. Gerando a insatisfação popular quanto a queda da renda camponesa, a compressão salarial e a escassez de bens de consumo, isso principalmente entre os anos de 1955 e 1957.¹³⁸

Foram altos investimentos na construção de infraestruturas e indústrias realizados na China. Tais investimentos foram adquiridos através da agricultura, a partir de arrecadação de impostos, utilização dos fundos das cooperativas e empregos com jornadas voluntárias. Além disso, a escassez de produtos de consumo pressionou os preços, o que obrigou o Estado a instruir o racionamento. Sendo assim, de 1956 a 1976, as tentativas de lidar com as dificuldades e de implementar as reformas sociais, para assim elevar a capacidade produtiva do país, fez surgir convulsões econômicas, sociais, culturais, ideológicas e políticas, que irão desencadear o Desabrochar das Cem Flores,¹³⁹ em 1957, o Grande Salto Adiante, entre 1958 e 1960, e a Revolução Cultural, entre 1966 e 1976.¹⁴⁰

O período do Desabrochar das Cem Flores (1956-1957) foi marcado por maior liberdade artística e política, o que fornecia maior independência aos escritores nas análises das problemáticas da sociedade chinesa. A finalidade do

¹³⁷ BENTON, Gregor. **Introduction to "The Yenan Literary Oppositor"** Op. cit., p. 3.

¹³⁸ POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa**. Op. cit., p. 89-90.

¹³⁹ Também chamado de Movimento das Cem Flores.

¹⁴⁰ Ibidem.

Estado era levar os intelectuais a focar todos os seus talentos na construção do socialismo. E assim os jovens autores sentiram-se livres para criar histórias amargas sobre suas desilusões com o partido e com o rumo da revolução, considerando também o contexto de dificuldades econômicas e sociais. Contudo, logo a nova Retificação do Partido (1957) deu fim ao florescimento dos novos escritos com a Campanha Antidireitista (1957-1959).¹⁴¹

Nesse momento, Ding Ling foi um dos principais autores a ser responsabilizado por encorajar as críticas que o período de liberdade criativa anterior trouxe ao partido. E em 1958 ela foi oficialmente expulsa da Liga dos Escritores e do Partido Comunista da China acusada de individualismo e mentalidade reacionária, apesar de sua amizade longínqua com Mao Zedong e mesmo que ela não tenha confessado nenhum crime, e por consequência, sempre tenha se referido a si como uma comunista leal ao seu partido.

Após três anos e alguns meses de diversas reuniões, Ding Ling foi sentenciada a perda de seus direitos como cidadã, assim como um grande número de outros ativistas de sua geração. Ela foi mandada, juntamente a seu segundo marido, para a reforma através do trabalho forçado em uma fazenda de Heilongjiang,¹⁴² a província mais ao norte do território chinês, fazendo fronteira com a Rússia, e por isso, tendo as suas temperaturas extremamente baixas. Lá Ding Ling trabalhou no campo e em seguida na alfabetização de adultos em uma comuna rural, como ela mesmo escreveu: “depois de trabalhar no campo por um ano, me tornei professora de língua chinesa para a equipe de trabalho”.¹⁴³

Já o Segundo Plano Quinquenal (1958-1962) trouxe à tona o Grande Salto Adiante (1958-1960) que se caracterizou como uma tentativa de acelerar o desenvolvimento industrial levando investimentos e trabalhadores dos campos para as fábricas para assim resolver problemas econômicos anteriores. Tal fato, aliado a questões climáticas desfavoráveis, resultou em uma baixa produção agrícola, desencadeando uma grande fome no país.

¹⁴¹ SPENCE, Jonathan. **Em busca da China Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 540

¹⁴² Ibidem, p 541.

¹⁴³ DING LING. **My life as a Chinese Writer**. Op. cit., p 13.

Devido a isso, o descontentamento com as ações do partido foi significativo, sobretudo entre os políticos e a classe dos intelectuais, causando a perseguição, expulsão e a morte de muitos deles. Esse tempo de forte repressão chama-se a Grande Revolução Cultural Proletária (1966-1976) que visava, entre outras metas, modificar os pensamentos, a cultura, os hábitos e os costumes antigos, além de reformar a estrutura do ensino, a literatura e a arte a fim de concordar com as ideias do partido de soberania nacional.¹⁴⁴

A Revolução Cultural surge com críticas e ataques a Ding Ling, sobretudo, aos seus escritos antigos, anteriores a sua entrada ao PCCh, que eram recheados de erotismo e vontades femininas. Pois, mesmo com a maioria das suas protagonistas se arrependendo dos seus excessos, ainda sim, essas obras eram consideradas imorais para os novos padrões literários de moralidade que agora o partido exigia. Isto é, as obras em relação às mulheres teriam que se afastar ainda mais do feminismo e se orientar totalmente ao marxismo.

Havia ataques também à sua origem familiar burguesa, visto que consideravam que ela não era uma boa representante da população chinesa por ter vindo de uma família influente e com posses, funcionários imperiais. Ding Ling explica esse período como “uma desordem interna provocada pelos erros cometidos pela liderança, e foi usado pela camarilha contrarrevolucionária”.¹⁴⁵ Também disse no mesmo escrito:

Neste período de tremenda destruição, a política do partido foi destruída, sua tradição foi abandonada e os quadros e as massas foram brutalmente pisoteados. Eu mesmo passei por todo tipo de tortura. Mesmo tendo sido ajudada e protegida por muitas pessoas de bom coração naqueles tempos difíceis, dos quais nunca esqueço, isso não impediu o que estava por vir.¹⁴⁶

Foram 22 anos de prisão, alternando de rigor entre o trabalho forçado e a cela conforme o passar dos anos. Uma vez que, entre 1971 e 1975, Ding Ling passou na solitária, segundo ela, devido a uma iniciativa da Gangue dos Quatro, uma equipe formada por quatro membros do PCCh, sendo eles: Jiang Qing (esposa de Mao), Zhang Chunqiao, Wang Hongwen e Yao Wenyuan. Essa facção ganhou destaque no controle dos principais órgãos do partido no decorrer da Grande Revolução Cultural Proletária. E embora não se saiba quais eram as suas decisões e quais eram as de

¹⁴⁴ POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa**. Op. cit., p. 90-94.

¹⁴⁵ DING LING. **My life as a Chinese Writer**. Op. cit., p. 13.

¹⁴⁶ Ibidem.

Mao, Ding Ling culpava os quatro pela sua infelicidade na solitária, já que, de acordo com ela, seu pior castigo foi o seu afastamento do convívio com seu povo.

Lá na solitária, ela pode se concentrar no estudo das obras de Marx, Engels e Lu Xun; fazia também exercícios físicos; falava sozinha e cantava em sua cela, tudo isso a fim de manter sua sanidade mental intacta. Em 1975, ela pôde enfim se reencontrar com seu marido, Chen Ming, graças à libertação de várias lideranças da prisão e o enfraquecimento da Revolução Cultural, que no ano seguinte chegaria ao fim.

No início do ano de 1979, ela e seu cônjuge tiveram a permissão do comitê central do partido para seu retorno a Beijing, atual capital nacional e sede do PCCh, durante o período que Deng Xiaoping (sucessor de Mao Zedong) esteve no comando da China (1978-1992). Todos os seus livros deixaram de ser proibidos e foram reimpressos e outros dois foram publicados. Seu cargo no partido e na Liga dos Escritores, juntamente ao seu salário, foram todos restaurados (Figura 3: Ding Ling trabalhando pelo partido dando palestra). A princípio, Ding Ling não se mostrava rancorosa de seu passado:

É verdade que tive algumas perdas, mas as perdas do partido, do povo e do país foram maiores que as minhas. Quando fui confrontada com infortúnios, o partido e as pessoas também estavam sofrendo. Muitas pessoas que contribuíram mais que eu para a revolução, sofreram grandes infortúnios.¹⁴⁷

Para ela, o país agora tinha que se recuperar olhando para frente, para um futuro glorioso que estava por vir, para isso ela não se lamentava do seu destino, pois via que isso não poderia ajudar na reconstrução da nação, somente sua colaboração com o Partido Comunista da China poderia. Para tal fim, segundo Ding Ling, era preciso “trabalhar muito, liderar nossos pensamentos, resumir nossas experiências passadas e desenvolver um espírito democrático”,¹⁴⁸ tudo em benefício de um progresso da humanidade e da paz mundial.

Ao longo de sua punição, Ding Ling continuou escrevendo, no entanto, seus manuscritos foram constantemente confiscados e censurados, e devido a isso, até hoje eles seguem perdidos. Mas, em 1978, três anos depois de sua libertação, ela publicou “Du Wanxiang”,¹⁴⁹ a história de uma moça ao qual o título faz referência ao

¹⁴⁷ DING LING. **My life as a Chinese Writer**. Op. cit., p 14.

¹⁴⁸ Ibidem, p 15.

¹⁴⁹ BEYER, John. **Perfil Ding Ling**. Op. cit., p. 38.

nome, que a vida dura no campo fortaleceu, mas que, embora tenha uma aparência fraca, era psicologicamente capaz de suportar seus infortúnios. Por isso, ela consegue aceitar seu casamento arranjado e também uma vida de serviços a sua comunidade.

Assim como Ding Ling, Du Wanxiang foi mandada para o nordeste chinês em 1958, onde criminosos foram exilados no passado. A pobre menina não incomodava, encontrando companhia apenas no marido. O trabalho no lar não lhe agradava, devido a isso, ela pede trabalho ao líder da comuna, e com sua confirmação, acaba com uma carrocinha para desocupados e preguiçosos.¹⁵⁰

Mas, com o passar do tempo, mais pessoas demandam a ajuda de Du Wanxiang, no começo eles a agradecem, contudo, com o tempo era apenas natural a camponesa ajudar. Os pedidos começam a ficar cada vez mais incômodos, mas no fim, ao contrário do que acontece com as outras protagonistas do passado da autora nas zonas libertadas, seus talentos foram reconhecidos e ela vira uma trabalhadora modelo, realizando discursos em outras áreas. Como a própria escritora Ding Ling, Du Wanxiang foi finalmente exaltada após ser usada pela revolução. Portanto, o final do drama da protagonista retrata do mesmo modo a redenção de sua criadora.

A partir de sua reabilitação em 1979, Ding Ling trabalhou em uma nova edição de publicações anteriores selecionadas, e em uma sequência de "O Sol Sobre o Rio Sankan", chamada de "Dias no Frio". Contudo, problemas de saúde enfraqueceram sua escrita, e por causa dos tempos de maus tratos, ela não conseguia ficar imóvel sentada por mais de duas horas, tendo assim que escrever em pé apoiada por um cavalete adaptado. Ding Ling morreu em 4 de março de 1986, com 82 anos,¹⁵¹ sendo até hoje considerada uma das maiores escritoras da história da China e um dos grandes representantes da Literatura Revolucionária, assim como seu maior inspirador literário, Lu Xun.

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ **China:** Ding Ling Dies. *Off Our Backs* 16, no. 4 (1986): 13. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25794969>. Acesso em 9 nov 2022.

Figura 3: Ding Ling após a sua reabilitação discursando para professores (1982)



Fonte: <https://uschinaarts.org/newsletters/spring-1982-volume-3-no-1/>

5 CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos apresentados nesta monografia se pode considerar que a autora Ding Ling foi uma das mais importantes escritoras do Século XX na China. E que, a partir de seus trabalhos, é possível perceber a História das Mulheres Chinesas, já que ela foi uma fervorosa defensora da emancipação feminina, relatando todo esse processo em suas obras.

De início, as mulheres viviam em uma situação de submissão no território chinês, devido às teorias confucionistas que lá imperavam. Eram essas as principais regras sociais a serem seguidas, onde a mulher deveria estar destinada a uma vida de obediência ao seu marido e à família dele, que seria a partir do seu casamento sua família também. Ocasionalmente a normalizada violência doméstica, já que essa era uma mulher sem apoio familiar. Geralmente, não era costume uma mulher aprender a ler ou a escrever, elas não eram consideradas adequadas para isso, mesmo sendo uma sociedade que valorizava os saberes eruditos, sendo assim, a ignorância a maior virtude de uma dama. Sua família decidia seu cônjuge e a compra e venda de esposa era uma prática social bastante difundida.

Elas não podiam ter herança, sua principal função social era a reprodução humana, de preferência de homens, pois o nascimento de meninas, que não pertenceria a família de nascimento no futuro, não era muito apreciada. Por causa disso, o infanticídio de meninas era popularizado, que se agravava em época de fome, guerra ou outro tipo de calamidade. Tal problemática ocasionava os altos preços que se pagava por uma noiva, famílias de meninos e trabalhadores homens pobres mais adultos passavam longos períodos de tempo juntando dinheiro para obter um bom casamento. A poligamia era permitida, mas de exclusividade dos homens com grandes posses.

Apesar de ser uma mulher casada, não era tão simples sua vida, tendo que conviver com constantes agressões físicas e psicológicas do marido e dos seus sogros, entretanto, esse, de fato, era o melhor destino para uma mulher. Ser a concubina, não a primeira esposa, representava um menor status social, mas ainda assim era melhor do que ser uma serviçal-escrava. Oriundas de famílias misérias que as vendiam para livrá-las da fome, as escravizadas para o serviço doméstico eram propriedade de seus compradores, que poderiam explorá-las ao máximo,

desde de sua força de trabalho até de seu corpo, as abusando ao seu querer. Já as moças mais bonitas eram destinadas as casas de prostituição.

Ademais, ainda existia o hábito milenar de atar os pés, chamados também de pés de lótus ou pés atados, prática que surgiu entre os séculos VIII e X, e consistia na tradição da mãe atar os pés de suas filhas, dobrando os dedos, quebrando os ossos e os enfaixados para que permanecessem com o tamanho de apenas dez centímetros. Tal ato acarretava em extrema desvantagens físicas, era uma vida inteira de dores nos membros inferiores, além da impossibilidade de andar sem cambalear e sem ajuda, ou de literalmente fugir correndo de sua situação.

Porém, não havia escolhas a serem feitas, o atar dos pés aliado a virgindade se tornaram exigências para se conseguir um casamento, já mencionado como o melhor destino para uma mulher. Esse costume não era poupado para as mulheres camponesas, que mesmo trabalhando nos períodos de maior necessidade humana nos campos, tinham que exercer suas funções com grandes dificuldades, ajoelhadas ou sentadas.

Devido à chegada de estrangeiros na China, com ideias de igualdade de gênero e direitos humanos, surgiram também as escolas para meninas, que mesmo ensinando sobre pureza feminina e virtudes tradicionais associadas a feminilidade, fez surgir uma elite questionadora, que no decorrer do tempo foi se organizando, tendo maior força com a queda do império após a Revolução de 1911. Eram principalmente grupos que lutavam pela emancipação feminina, tendo como pautas essenciais a educação formal para todas as moças e o fim do costume dos pés de lótus. Essa movimentação de mulheres vai chamar a atenção no decorrer do Movimento Quatro de Maio, de 1919, dos principais partidos da época na China: o Partido Comunista da China e o Guomindang, que vão recrutá-las para sua luta patriota e contra o imperialismo que afundava o país em uma forte crise econômica e humanitária que acontecia durante o chamado Século da Humilhação.

A princípio a ideia era emancipar as mulheres conforme se dava a libertação chinesa dos avanços imperialistas das potências estrangeiras, mas logo foi percebido que era preciso engajar as mulheres antes na luta anti-imperialista para só assim reconquistar a soberania nacional. Era imperdoável ter metade da

população chinesa sem poder ler ou escrever para a modernização do país. Portanto, a Revolução da China só se daria com a participação feminina e a libertação delas para questionar seu contexto e sua realidade, e isso só seria possível com a educação formal, para, desse modo, elas poderem compartilhar da ideologia revolucionária. Sendo assim, a importância da educação: educar para libertar. Devido a isso, o ingresso das mulheres em instituições de ensino foi algo primordial nas pautas dos movimentos progressistas anteriores e posteriores à revolução.

Em tal contexto de luta, Ding Ling surge, acompanhando sua mãe, Yu Manzhen no Movimento Quatro de Maio. A escritora nasceu em uma família de eruditos que veio à falência com o enfraquecimento do império. Sua educação foi incomum para uma moça do período, pois quando seu pai faleceu deixando dívidas, sua mãe se viu obrigada a trabalhar dando aulas em uma escola para meninas, e lá que Ding Ling se aprofundou nos temas de libertação nacional e de emancipação feminina. Ela foi para a Universidade de Xangai e de Beijing, onde ela se considerou feminista e anarquista vivenciando a boêmia, mas logo desistindo para se concentrar na sua trajetória de escritora. Sua obra inicial mais famosa foi “O Diário de Sophie”, de 1928.

Nesse período, a autora escrevia sobre o comportamento feminina do momento, já que havia a permissão delas ocuparem lugares que antes eram de exclusividade masculina. Isto é, sobre o novo papel das mulheres na sociedade. Sua maior crítica, inicialmente, era com o grande interesse das feministas em uma erotização do seu ser, esquecendo o contexto e as lutas sociais que afligiam a China. Pois as pautas de preferência feministas não iriam fazer a nação retomar a sua soberania ou fazer os pobres comerem.

A ditadura de Chiang Kai-shek, agora líder absoluto do Guomindang, em 1927, perseguiu, torturou e matou comunistas, sindicalistas, democratas e aqueles que consigo não concordava. Isso fez com que a literatura de Ding Ling se voltasse mais à esquerda. E em 1930, ela e seu primeiro marido, Hu Yepin, ingressaram no Partido Comunista da China. Entretanto, seu marido foi executado em 1933, por causa da caça aos vermelhos que o regime exercia. Logo em seguida, Ding Ling foi sequestrada e passou três anos presa, sendo liberada somente após forte comoção

internacional de amigos como o famoso escritor revolucionário Lu Xun e a Song Qiling, viúva de Sun Yat-sen, o pai da república.

Em 1936, depois de sair da prisão, Ding Ling chegava em Yan'an, a atual capital revolucionária das forças comunistas após a Longa Marcha. Lá ela trabalhou como secretária do Oitavo Exército das Rotas, foi diretora de uma trupe de teatro que percorria diferentes localidades levando a ideologia comunista a fim de recrutar apoio camponês para a causa nacional. Também foi editora da coluna de literatura do Diário de Libertação, onde publicou posteriormente artigos que criticavam o partido e relatavam as dificuldades das mulheres de fazer parte da luta revolucionária. Ela liderou a Liga dos Escritores, ministrou as aulas de Literatura Chinesa na Academia do Exército Vermelho e ocupou cargos de liderança na Organização de Mulheres a partir de 1949.

Ser mulher, sem dúvidas, em uma zona libertada de administração comunista era o que havia de mais vantajoso, em comparação às outras localidades. Entretanto, existiam questões que não eram solucionadas, e Ding Ling às revelou em seus artigos que não foram bem recebidos pelo partido. Suas principais queixas estavam na dificuldade do partido em libertar as mulheres de suas amarras sociais e de valorizar aquelas mulheres que estavam se sacrificando em prol da revolução na luta de guerrilhas.

O Partido Comunista da China tinha sérios problemas em conciliar as melhorias na vida das mulheres com as vontades dos camponeses, que viam essas melhorias como deveras modernas. Pois poucas famílias estavam dispostas a deixar seus filhos escolherem seus cônjuges ou de abrir mão de ter uma nora com os pés pequenos. Dessa forma, foi uma longa operação com leis e educação, sobretudo, em escolas, tudo para não perder o apoio do campesinato com imposições fortes do novo sobre o velho. Para isso, os líderes das localidades reforçavam a ilegalidade do casamento compulsório e da atadura dos pés, juntamente ao Departamento de Propaganda e às instituições de ensino. Os jornais também fortaleciam o debate publicando histórias de casamentos feitos a partir do consentimento dos noivos.

Todavia, eram transformações sociais que levariam gerações para enfim mostrarem um forte impacto. Era preciso adaptar tais ideias com as necessidades

imediatas e reais da população, dessa forma, quando as lideranças do partido percebiam que o seu processo de libertação feminina ia contra seus objetivos maiores de resistência à guerra e controle dos camponeses, os líderes do partido buscaram uma política mais viável, sacrificando algumas conquistas de direitos femininos.

Desse modo, as críticas ao insucesso do partido nas transformações sociais, principalmente para as mulheres, não foram bem aceitas. A princípio, Ding Ling só não vai ser punida com rigor, mesmo escrevendo tamanhas críticas à liderança do partido anteriormente, por ter cedido com facilidade as pressões e ter se retratado. Entretanto, ela foi retirada da diretoria da Liga dos Escritores, foi rebaixada a repórter do Diário de Libertação e no jornalismo renunciou à escrita mais criativa, se concentrando na literatura de propaganda do partido.

Em 1948, Ding Ling escreveu “O Sol Sobre o Rio Sangkam”, obra que relatou a Reforma Agrária e virou o padrão para os escritores posteriores por conciliar a suas iniciativas próprias com a doutrina partidária formulada de enfatizar as boas conquistas na literatura, descrita no fórum de Yan’an em 1942 por Mao Zedong. Em 1951, tal obra ganhou o Prêmio Stalin de Literatura, o que proporcionou para Ding Ling maior prestígio e fama internacional.

Após o período do Desabrochar das Cem Flores (1956-1957), que acarretou em inúmeras críticas ao partido por ser um período de incentivar a criação livre dos escritores, surgiu o período de Retificação do Partido (1957) e depois a Campanha Antidireitista (1949-1976), que os puniu por fugir das exigências do partido quanto à escrita de histórias, já que a norma era escrever apenas o lado brilhante da sociedade e exaltar a massa. Ding Ling foi um dos autores responsabilizados por encorajar as críticas, pois ela não só defendia os direitos das mulheres, mas, também, defendia a liberdade poética dos escritores para que assim eles pudessem escrever todas as suas amarguras. Por causa disso, em 1958, ela foi oficialmente expulsa da Liga dos Escritores e do Partido Comunista da China, apesar de ser amiga de Mao Zedong.

Seus direitos foram cassados e ela foi mandada com seu segundo marido, Chen Ming, para o trabalho forçado no campo em Heilongjiang e depois para

alfabetização de adultos das zonas rurais. Em 1966, surge a Revolução Cultural com críticas a Ding Ling, sobretudo aos seus textos antigos que retratavam os desejos eróticos e as vontades femininas, visto que naquele momento essas obras foram consideradas imorais. Havia ataques também à sua origem familiar, ela não era mais classificada como uma representante do povo.

Portanto, foram 22 anos de prisão, em diferentes níveis, já que entre 1971 e 1975, ela passou na solitária onde pôde se aprofundar nas obras de Marx, Engels e Lu Xun. No ano de 1975, Ding Ling teve enfim sua liberdade juntamente a seu marido. E em 1979, com Deng Xiaoping no poder, eles tiveram a permissão de regressar a Beijing, com o cargo e salário de Ding Ling sendo restaurados. Suas obras deixaram de ser proibidas e mal vistas e foram republicadas.

Seu objetivo no período era focar no desenvolvimento do país, seguindo em frente sem rancor do partido em prol de um bem maior. Ela voltou a escrever, mas suas condições físicas, devido aos anos na prisão, não foram favoráveis, por isso ela teve poucas novas publicações. E assim, Ding Ling morreu no dia 4 de março de 1986, aos 82 anos, após ter entrado para a História como uma das maiores escritoras da China, escrevendo e sendo punida por suas lamentações.

REFERÊNCIAS

AYSCOUGH, Florence. **Chinese Women Yesterday and Today**. Boston: Houghton Mifflin Co. 1957.

BARLOW, Tani E. **The Question of Women in Chinese Feminism**. Durham e Londres: Duke University Press. 2004.

BARLOW, Tani; BJORGE, Gary J. **I Myself Am a Woman**. Selected Writing of Ding Ling. Boston: Beacon Press. 1989.

BENTON, Gregor. **Introduction to “The Yen-an Literary Oppositon”** New Left Review, no 92, jul-ago, 1975.

BEVOUIR, Simone. **A Longa Marcha**. São Paulo: Ibrasa. 1957.

BEYER, John. **Perfile Ding Ling**. Index on Censorship, vol. 9, 1: pp. 35-39. Publicado em: 1 fev 1980.

BUCK, Peter. **Minha Vida**. Porto Alegre: Globo, 1960.

CHANG, Iris. **The Rape of Nanking**, Harmondsworth: Pequim 1998.

CHEN KUNG-PO. **The Communist Movement in China**. Nova York: Columbia University Press, 1960, p. 28.

CH’U, T’ung-tsu. **Law and Society in Traditional China**. Paris: Mouton, 1965.

CHESNEAUX, Jean. **China**. A Revolta dos Camponeses (1840-1949). Editora Ulisseia: 1973.

CHESNEAUX, Jean. **Les syndicats chinois**. 1919 – 1924. Textes, Presse. Paris; Mouton, 1965.

CHESNEAUX, Jean. **The Chinese Labor Movement**, 1919-1927. .Stanford: Stanford University Press, 1968.

China: Ding Ling Dies. Off Our Backs 16, no. 4 (1986): 13. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/25794969>. Acesso em: 9 nov 2022.

Chinese Civil War. Wikipédia, 2022. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Chinese_Civil_War Acesso em: 19 nov 2022.

CHOW, Tse-tung. **The May 4th Movement**. Stanford: Univ. of Stanford Press, 1967.

Comitte of Concerned Asian Scholars. **China: Inside the People's Republic**. Nova York: Bantam Books, 1972, p.275.

DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

DAVIN, Delia. **Woman-work**. Women and the Party in Revolutionary China. Oxford: Clarendon Press, 1976.

DING LING, **Miss Sophie's Diary and Other Stories**. Tradução: W. J. F. Jenner. Panda Books, 1985.

DING LING. **In the Hospital**. Index on Censorship, vol. 9, 1, pp. 39-41. Publicado 1 fev, 1980.

Ding Ling. Jendow, 2022 Disponível em: <https://www.jendow.com.tw/wiki/Ding+Ling>
Acesso em: 19 nov 2022.

DING LING. **Thoughts on 8 March (Women's Day)**. New Left Review, no 92, jul-ago, 1975.

FEUERWERKER, Yi-tsi, **TING LING**. Ting Ling's When I Was in Sha Chuan (Cloud Village). Signs, vol.2, no.1, 1976, pp. 255-279.

GRISAR, Elizabeth. **La femme en Chine**. Paris: Buchet-Chastel, 1957.

HAN, Suyin. **The Crippled Tree**. London: Panther Book, 1864.

HO, Kuo-cheng. **The status and the role of women in the Chinese Movement, 1946-1949**. Indiana University, 1971.

HSIANG CHING-YU. **The Things the Shanfai Women's Rights Movement Should Concentrate On**. Women's Book: 1924, p. 77-87.

HSIANG CHING-YU. **Three Groups of Educated Women**. Women's Yearbook: 1924.

IBSEN, Henrik. **Casa de bonecas**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

KRISTEVA, Julia. **Des Chinoises**. Paris: Ed. Des femmes, 1974.

KUCZYNSKY, Jurgen. **Die Geschiche der Lage der Arbeiter unter dem Kapitalismus**. T II Bd 28.

LEITH, Suzette. Chinese Women in the early Communist Movement, in: YOUNG, Marlyn B. **Women in China: Studies in Social Change and Feminism**, Michigan: The University of Michigan Press. 1973.

LIN, Yutang. **Minha terra e meu povo**. Rio de Janeiro: Pongetti, s.d.

LU XUN, What Happens After Leaves Home? In: LU XUN, **Selected Works**. Vol. 2. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3º Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980.

LU XUN. My Views On Chastity. In: LU XUN, **Selected Works**. Vol. 2. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3º Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980.

MAO, Zedong. **Selected Works of Mao Tse-tung**. Volume 3. Marxists, 2004. Disponível em: https://www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-3/mswv3_08.htm. Acessado em: 06 maio 2023.

MARX – ENGELS. **La Chine**. Paris: UGE, 1973.

MEYER, Charles. **Histoire de la femme chinoise**. 4 000 ans de pouvoir. Paris: J. – C. Lattès, 1986.

MOTTA, Bruno Pontes. “**Destruir a casa de ferro**”: o escritor Lu Xun da China do Quatro de Maio, de 1919. 2017, 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História) – CFCH, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

ORCHARD, Dorothy J. **Manpower in China II**. Political Science Quarterly, 1936.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: Operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução Denise Bottman. 1ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

POMAR, Wladimir. **A revolução chinesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PRUITT, Ida. **A Daughter of Han**. In Autobiography of a Chinese Working Woman. Stanford: UP, 1967.

REISCHAUER E.; FAIRBANK, John K. **East Asia**. The Great Tradition. Boston: Houghton and Mifflin Co., 1958.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade: 1995.

SMEDLEY, Agnes. **Portraits of Chinese Women in Revolution**. Nova York: Feminist Press, 1976.

SNOW, Edgar. **Red Star Over China**. New York: Grove Press, 1961.

SNOW, Helen Foster. **Women in Modern China**. Paris: Mouton, 1967.

SPENCE, Jonathan. **Em busca da China Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Spring 1982. Volume 3, No. 1. Us China Arts, 2022. Disponível em: <https://uschinaarts.org/newsletters/spring-1982-volume-3-no-1/> Acesso em: 19 nov 2022.

STRANAHAN, Patrícia. **Yan'an and the Communist Party**. Califórnia: University of California, 1983.

STRONG, Anna Louise. **China's Millions**. Pequim: New World Press. 1965.

TING LING. **Sol sobre o Rio Sangkan**. Ed. Vitória LTDA: Rio de Janeiro, 1956.

VAN GULIK, Robert. **La vie sexuelle dans la Chine ancienne**. Paris: Gallimard, 1971.

WALES, Nym [Helen Foster Snow]. **Red Dust**. Stanford: Stanford University Press, 1952.

WALES, Nym [Helen Foster Snow]. **The Chinese Labor Movement**. Nova York: John Day Co., 1945.

WILBUR, C. Martin; HOW, Julie. **Documents on Communism, Nationalism and Soviet Advisors in China 1918-1927**. Nova York: Columbia University Press, 1958.

WITKE, Roxane. "Mao Tse-tung. Women and Suicide". In YOUNG, Marilyn B. Ed. **Women in China**. Studies in Social Change and Feminism. Ann Arbor: Univ. of Michigan Press, 1973, pp 33 – 46.

WONG, Ka F. **Modernity, Sexuality, and Colonial Fantasy in Ding Ling's "Miss Sophie Diary" (1928)** St, Olaf College, serie IV, v 4, no 2, out.2014.

YANG CHIH-HUA. **Days I Can't Forget**. In Women of China. 1958.

ZHENG WANG. **Women in the Chinese Enlightenment**: Oral and textual histories. Califórnia: University of California Press, 1999